Nilto Maciel

Pescoço de Girafa na Poeira

Conto

BOLSA BRASÍLIA
DE PRODUÇÃO
LITERÁRIA
1998

"Nilto Maciel não é só um escritor. Além de um bom escritor e de um imprescindível articulador literário, é o artista da palavra que sabe compreender e assimilar os avanços estilísticos de seu tempo. E, como tal, procura, sem nenhuma demonstração de cansaço, o aperfeiçoamento do próprio estilo, para melhor conduzir a narrativa na construção de seus personagens. Nesse sentido, sua escritura o aproxima não de um Graciliano Ramos, também nordestino, mas do Machado de Assis maduro e inconfundível de *Quincas Borba* e *Memorial de Aires*."

João Carlos Taveira, in "A Arquitetura Verbal de Nilto Maciel", apresentação do livro "*Vasto Abismo*".

"Há ficcionistas que se comportam como verdadeiros historiadores da vida privada. Que nem cientistas sociais, observam a vida tal qual é, sempre atentos e fiéis a dados óbvios, comprovados ou comprováveis. Outros se lançam pelos campos da fantasia sem os freios do plausível, e têm por meta revelar a face oculta da lua e do mundo através de parábolas. Nilto Maciel se insere nas duas tendências, debruçando-se pelas sendas do verossímil e do inverossímil. (...) Aberto a múltiplas tendências, NM ora reverencia a tradição literária consagrada, ora se lança na experimentação lingüística e estrutural."

Astrid Cabral, *Revista Literatura* n.º 14, Brasília, junho, 1998.

Nilto Maciel

Autorizo Soares Feitosa a publicar es te livro no Jornal de Poesia - Fortaleza, 5/10/13

PESCOÇO DE GIRAFA NA POEIRA

Contos

1º Lugar na Categoria Conto
Bolsa Brasília de Produção Literária-1998
Fundação Cultural do Distrito Federal

Bárbara Ela
Editora Gráfica
Brasília, DF
1999

Esta obra foi premiada pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal
(Bolsa Brasília de Produção Literária – 98)

Secretaria de Cultura do Distrito Federal
Via N-2, Anexo do Teatro Nacional
Claudio Santoro – 70.070 – 200
Brasília – Distrito Federal
Tel.: (61) 325-6223

Revisão
Nilto Fernando Maciel

Capa
Núcleo de Programação Visual da Secretaria de Cultura – DF

Projeto Gráfico
Bárbara Bela Editora Gráfica

Catalogado pela Coordenadoria do Programa de Bibliotecas da
Secretaria de Cultura do Distrito Federal

Maciel, Nilto Fernando.
Pescoço de girafa na poeira: contos / Nilto Maciel. Brasília: Bárbara Bela, 1999
127p.
"Bolsa Brasília de Produção Literária 1998".

1. Literatura brasileira – conto. I. Título.

CDD: 869.35

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, p
qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei n° 5.988.

SUMÁRIO

O Lobo e o Cordeiro 5
Reportagem 8
As Ceias 11
A Pálida Visitante 15
Pescoço de Girafa na Poeira 20
Remição 23
Dez Cuecas Para a Eternidade 26
A Grande Ave de Rapina 28
Ode à Tarde 30
Dois Seres 31
Incêndio 32
O Sonho da Princesa 34
Never More 35
O Arcanjo e a Princesa 37
Com Unhas e Dentes 39
Colombo e as Carícias 41
Consciência Tranqüila 43
A Salvação da Alma 45
Vou Ser Herói, Maria 47
Circuito 49
A Prova 51
Questões de Estilo 53
Coisas da Natureza 55
Sobre o Inconsciente 58
Ser ou Não Ser 60
Cena de Carnaval em Olinda 61
Um Grande Homem 63
Menino Ofendido 65
Sem Fadas 67
Carlim 69
A Última Guerra de Hirohito 71

Ecce Homo Sapiens 73
A Guerra dos Bárbaros 75
À Beira do Cais 78
Como Um Sol Que Explode 80
Lições de Zoologia 82
Um Sonho Cartesiano 84
A Idéia de Matar Pilatos 88
A Divisão do Mundo 90
Desastre Sobre o Labirinto de Creta 91
As Infinitas Pernas de Wellington 93
Um Coveiro Monstruoso 95
A Fome de Malthus 96
Bicho Amarrado Para Morrer 98
Bicho Asqueroso 100
Conselho de Luís XVIII 101
Espumas e Estrelas 103
Belo Céu, Vero Céu 105
Por Culpa de Anouilh 106
Lampião à Italiana 108
Pintando o Sete na Bélgica 110
Rato Sonâmbulo 112
Vers Sans Rimes 113
Concórdia na Órbita da Terra 115
Falsificadores e Canibais 117
Uma Página de Robbe-Grillet 119
Dados Biográficos de Nilto Maciel 121
Bibliografia 123

O LOBO E O CORDEIRO

Diante da porta bateu palmas, enquanto olhava para os lados. Longe um cachorro andava ao léu, rabo a balançar. Quando o padre aparecesse pediria sua benção. Preparou-se para repetir as palmas. Um rosto de mulher apareceu entre as frinchas da porta. Queria falar com o padre. Não, o padre não podia atender ninguém. Descansava, rezava.

Atordoado, o menino coçou a cabeça, fez careta. O cachorro ainda balançava o rabo. Precisava falar com o padre, sem detença. A mulher falava baixo e punha o indicador diante dos lábios. O quê desejava o rapazinho dizer ao vigário? Somente a ele contaria o seu segredo. Ora, segredos só no confessionário. E confissões só na igreja, de manhã. A não ser em casos de vida ou morte. Pois o segredo de João era caso de morte. A mulher horrorizou-se e meteu o nariz no buraco da porta. Quem carecia de extrema-unção? E onde se achava o enfermo? O menino se enfezou. Não havia nenhum enfermo. Porém vinha de longe, do sítio do doutor João Forte, e ...

Há dias o holandês Vilgot havia desaparecido da cidade, sem deixar rasto. E ultimamente fazia suas pesquisas para as bandas do sítio do doutor João Forte. Todos perguntavam pelo estrangeiro. Sobretudo Victorino, o dono do hotel. Se o homem tivesse arribado, o prejuízo ia ser enorme. Um mês inteiro de hospedagem. E chorava por onde passava.

O menino implorava, a mulher permanecia do outro lado da porta. O padre rezava, descansava. Confissões somente de manhã na igreja. Então apareceu mais uma mulher. O quê desejava o

rapazinho? A primeira mulher deu explicações, João se intrometeu na conversa.

Vilgot Slauerhoff havia chegado a Palma três meses atrás. Apresentou-se às autoridades, falando um português quase indecifrável. Vinha da Holanda com a missão de estudar alguns bichos. Um dos quartos da pensão de Victorino encheu de livros, cadernos, máquinas fotográficas e outros objetos. Saía cedinho, andava pela cidade, conversava com um e outro, enfiava-se no mato. Logo aprendeu o nome de quase todo mundo. Fez amizade com algumas pessoas, tanto na cidade, como nos sítios. Num deles conheceu Pedro Lobo e sua família. E adorou seu filho mais velho — Joãozinho.

A caminho da sala, arrastando chinelos, o padre gritou pelas mulheres. Que gritaria medonha! Acontecia alguma confusão? As mulheres deram respostas tranquilizadoras. De qualquer forma, conversavam com outra pessoa. Quem? E João se apresentou. Queria contar um segredo a ele. Segredo somente no confessionário. O menino gaguejou. Desembuchasse logo o assunto. A primeira mulher tomou a palavra: já havia explicado... A segunda impôs silêncio àquela. João só faltava chorar, sem se fazer entender.

O estrangeiro mostrava a todos desenhos e fotografias de tamanduás, socós, punarés e uma infinidade de animais. Dizia serem do século XVII os desenhos. Pretendia comparar aqueles exemplares de bichos do passado a seus descendentes vivos. Pesquisa científica, universitária. Missão de muita importância para a zoologia. Sim, um missionário. No entanto, alguns o chamavam de doido. O holandês maluco.

Depois de muita insistência, o menino conseguiu entrar na casa paroquial. E sentou-se numa cadeira da sala. O padre se dispunha a ouvir-lhe o segredo. Se não se tratasse de história muito longa. Joãozinho tratou de ser objetivo. Se o padre sabia do holandês. Não, não sabia por onde andava o senhor Vilgot. O menino sabia? Sim - melhor dizendo -, sabia onde o estrangeiro se encontrava. Porém, o vigário não tinha nenhum interesse em saber o paradeiro do professor. Ora, então o rapazinho interrompera sua sesta para falar do cientista maluco? João coçou a cabeça. Se não contasse tudo logo, talvez fosse mandado embora. O holandês andava sempre atrás do menino. E lhe prometia viagens, estudos, conforto. Queria levá-lo para a Holanda. Essas propostas Vilgot fazia às escondidas de outras pessoas. E pedia segredo delas a Joãozinho. Porém como viajar para tão longe sem o consentimento dos pais? Melhor quebrar o segredo. Sua mãe, pelo menos sua mãe deveria compartilhar o seu mistério.

À noite Pedro Lobo ouviu de sua mulher a estranha história de seu herdeiro. E se encheu de fúria.

O zoólogo, manso feito cordeiro, não tinha herdeiros nem mulheres. Lecionava em Haia e conhecia todo o mundo. Ao Brasil viajava sempre, desde os primeiros tempos de universidade.

Padre Queiroz se aproximou mais do menino. Falasse mais alto. Menino bonito? Pecado, perdição. O mundo ia desabar ao peso de tanta libertinagem. Passou o lenço em volta do pescoço. E onde se achava o estrangeiro? Enterrado, no sítio.

Há três dias na cidade, quase nada fizera, a não ser alugar a casa, conversar com o fotógrafo e andar pelas ruas. Puxava conversa com um ou outro, à cata de informações. Todos lhe fugiam. Os que não podiam fugir alegavam muitos quefazeres. Procurasse pessoas menos ocupadas.

Acordou, abriu os olhos. O sol já devia clarear tudo. Pôs-se a relembrar um sonho. Levantava-se, dirigia-se ao quintal. Onde andavam o galo e as galinhas? Lavava o rosto numa pia.

Lembrou-se do fotógrafo. A cama vazia. À noite passada dissera-se cansado de tanta monotonia. Iria bebericar por aí, procurar mulheres. Onde andaria? Talvez ainda dormisse no quarto de alguma rameira.

Silêncio assustador. Nenhum galo cantava. As galinhas não cocoricavam. E os vizinhos, os transeuntes, os cachorros, os burros por que não davam sinal de vida? Melhor deixar o sonho para trás e cuidar das obrigações. Talvez outra criança tivesse desaparecido. Ou mais uma jovem tivesse sido raptada.

Espreguiçou-se e caminhou para o quintal. Sim, o sol já clareava tudo. E os galos e as galinhas dos vizinhos por que não cantavam e cucuricavam? Lavou o rosto na pia. Pensou num café. Comprara bolachas e biscoitos. Todo o dia pela frente. Mais conversas, tentativas de conversas.

E o sonho? Preparava um café, abria um pacote de biscoitos. Não, o sonho não tinha a menor importância. Não adiantava relembrá-lo. Afinal, quem não sonha? Melhor sair à rua. Talvez outro homem tivesse ido embora da cidade. E mais uma vez ninguém saberia explicar o motivo dessa fuga misteriosa. A mulher apavorada, triste, revoltada. Os filhos chorosos. Os vizinhos cheios de maledicências. "Fugiu para juntar-se à amante. Um sem-vergonha."

Procurou a cafeteira. Pareceu-lhe ouvir um canto de galo. Imobilizou-se, agarrado à vasilha. Nada, nem o mais ameno cucurico. Voltou ao quintal. O vento balançava os galhos do limoeiro. O galo seria do vizinho da direita ou da esquerda? E se olhasse por cima do muro? Preferiu ir à porta da rua. Olhou para os dois lados, para as casas em frente. Todas as portas fechadas. Ninguém na rua. Talvez fosse cedo demais. Não, o sol já ia bem alto. Hora de estarem todos bem acordados. As mulheres varrendo calçadas, os meninos brincando. E os jumentos? Pelo menos o do leiteiro. E os cachorros? Pelo menos um deles revirando latas de lixo. E os gatos? Talvez catassem borboletas nos quintais.

Voltou-lhe à mente o sonho. Ouvia um canto de galo. Seria o galo do quintal da esquerda ou da direita? Melhor deixar o sonho para depois. Precisava averiguar aqueles estranhos acontecimentos. Por que tantas crianças e moças desaparecidas? Existiriam mesmo gangues de raptores na cidade? Segundo a polícia e a imprensa, as crianças eram vendidas no exterior. E as moças? Quem as raptava? E os homens, seriam também raptados ou abandonavam suas famílias?

Teve vontade de cantar para acordar os vizinhos. Talvez não soubessem ser dia já. E se todos estivessem nas igrejas? Aquele povo vivia rezando, aos pés dos padres, cheio de pavores. Olhou na direção da igreja matriz. Viu apenas as torres e o relógio. Os ponteiros nas mesmas posições dos ponteiros do seu relógio.

Retomou o sonho. Chegava ao quintal. Nada de cantos e cucuricos. Apenas os galhos do limoeiro balançando-se.

Tolice aquele sonho. Na realidade as coisas eram muito mais buliçosas. Turbulentas até. Não tanto depois de sua chegada à cidade. Os raptos, as fugas não mais haviam ocorrido após sua chegada. E o fotógrafo onde andava? Teria voltado à capital? E se estivesse morto, assassinado num salão de cabaré? Deveria procurá-lo. Não, melhor ir até à igreja. O povo da cidade rezava por sossego. Fechou a porta e saiu. Todas as portas e janelas fechadas. Apressou o passo. Precisava chegar logo à matriz. Nas ruas nenhum sinal de vida. E se

assobiasse uma canção? Aproximou-se do templo. As grandes portas fechadas. O povo todo estaria dentro? O padre poderia ter falado de abrigo divino.

Encostou o ouvido a uma das portas. Silêncio absoluto. Onde estaria o povo? Voltou-se para a cidade. Passarinhos e pombos voavam e pousavam nos fios da rede elétrica, nas árvores, nos telhados. Olhou para o céu. Sentiu-se tonto. Pensou em sentar-se no chão. Melhor buscar uma sombra. Um banco de praça. Sentiu sono. Não, não deveria dormir na rua. Voltaria para casa. Talvez o fotógrafo já tivesse retornado. Pôs-se a caminhar. Não queria mais ver as pessoas. Parecia voar. Como se o vento o conduzisse, o arrastasse. Quando cuidou, abria a porta da casa. Cambaleava. Iria morrer? Sentou-se à beira da cama. Onde andava o fotógrafo? Deitou-se. Retomou o sonho. Chegava à porta da rua. Todas as portas e janelas fechadas. Vontade de cantar, acordar os vizinhos. E se todos estivessem na igreja? Fechava a porta e saía. Ninguém na rua. Punha-se a assobiar uma canção. As grandes portas do templo fechadas. Pombos e passarinhos voavam. Sentia-se tonto. Olhava para o céu. Melhor regressar à casa. Voava. Num átimo chegava ao ponto de partida. Abria a porta e corria ao quarto. Sentava-se à beira da cama. Onde andava o fotógrafo? Deitava-se. Logo se punha a sonhar. Acordava, abria os olhos e dirigia-se ao quintal.

Serviam-se, escrupulosos.

— E as crianças? — quis saber Mário, garfo à mão.

A mastigar arroz e carne, Políbio olhou para os olhos do amigo, e, a seguir, para o quadro pendurado à parede, próximo à cabeça de Mário.

Os meninos viam televisão num dos quartos. Almoçaram cedo. Viviam com fome. Comiam feito lagartas. Todos riram, menos Sônia. Exagero do marido. Os coitados nem conseguiam engordar, tanto estudavam.

Políbio fixou novamente os olhos no quadro. Quem era o apóstolo que dormitava diante de Cristo? Teria se empanturrado de comida? Comer em demasia dava sono, dizia sua mãe. Por isso salvara-se da morte? Se não tivesse almoçado antes de todos, também teria morrido. O acaso livrou-o do veneno. Atribuíram aquilo a milagre. Deus, os santos, os anjos o protegeram.

— Vejo que vocês gostam muito de ceias — deduziu Mário.

Sônia riu e disse não ser boa cozinheira. No entanto, sentia prazer em convidar amigos para almoçarem em sua casa.

Mário olhou para o quadro à sua direita. Não lembrava o nome, porém o conhecia. Talvez do museu de arte de ...

— A Ceia de Emaús — gritou Sônia.

Políbio assustou-se e fez voltarem a mão e o garfo ao prato. Os outros, no entanto, não perceberam tais movimentos. Mário e Mônica mordiam pedaços de carne, enquanto Sônia falava de Caravaggio e sua pintura. Jesus muito jovem, ainda sem barba.

— Uma obra-prima.

Tantos anos passados, e tudo ainda tão nítido. Desespero, dores, gritos. A chegada dos vizinhos. Dona Ofélia a abraçá-lo, chorando. Sentia tontura, febre, dor. E ninguém imaginava a causa de tudo

aquilo. Só após a consumação da tragédia, constatou-se ter sido o alimento envenenado.

Sem mais elogios para o pintor, Sônia se voltou para Políbio. Não tinha apetite? Não, aquele não era seu dia de gula. Os olhos de Sônia luziam. Seus cabelos pareciam mais negros. O rosto envelhecido do homem. Olhos pensativos. A taça com a bebida vermelha à altura do queixo. A barba rala.

— Gosto muito dessa pintura.

Sônia olhou para os olhos de Políbio e, logo, para o quadro de Louis Le Nain. Não ficava bem naquela parede. Talvez devesse ficar na sala de estar. Discutiam sempre por isso. Políbio riu. Birra dele e dela. Se contratassem os serviços de um especialista em ...

— Um decorador — lembrou Mário.

Aqueles pobres camponeses, suas vestes, suas feições, tudo na pintura só servia para repelir apetite.

Mário e Mônica olhavam, calados, para Sônia. Ele até balançava a cabeça, em sinal de aprovação das palavras da anfitriã.

— No entanto, a traição de Judas não deveria dar apetite aos cristãos — brincou Políbio.

Com força, Mário cortou a carne. A faca parecia rasgar o prato. Todos descalços, como no quadro dos camponeses. E neste não havia ódio, mas tristeza. Políbio depôs o garfo no prato. Mário quis virar a cabeça para trás. Sônia lembrou a salada de legumes. Mônica perguntou se a cozinheira lavava as verduras em vinagre. A cozinheira chamava-se Sônia.

Todos riram.

As crianças ainda no quarto. Presas à televisão. Pelo menos tinham pai e mãe. Um lar. Ele, não. Órfão aos cinco anos. Criado por tios e avós. Reza e missa todo dia. Ressurreição de Cristo. Balela. Órfão para sempre.

Mário falava de trabalho. Falta de tempo para se divertir, visitar amigos. Mônica concordava com ele. Vida monótona.

— Assim mesmo, ainda escrevo — concluiu Mário.

Mônica gargalhou. Escrever não era trabalhar. E enfiou o garfo numa batatinha. Políbio ergueu a cabeça. Havia mais carne no prato de Mário.

— E Políbio, escreve ou não escreve?

Sônia olhava para o convidado. Mais acima da cabeça dele, os pés descalços dos apóstolos anunciavam a tragédia bíblica. Políbio nunca falava do passado. Sempre voltava ao presente, para daí chegar a desígnios.

Mônica deu por finda a sua refeição. Cruzou os talheres e virou-se para o marido. O rosto feminil de Cristo, as tranças caídas nos ombros lembravam rapazes modernos. A ave na bandeja parecia um frango assado. Nada havia mudado na Terra.

— Ora, mudou quase tudo — contestou Mário.

Insaciada, Sônia cravou o garfo num pedaço de lingüiça. Caravaggio matara um homem durante uma briga. Temperamento explosivo.

— Como eu queria ser assim — lamentou-se Mônica.

Não devia pensar assim. A violência... Mário sorriu. Talvez Mônica quisesse ser como ela e não como o pintor.

— Exatamente isso — desculpou-se a visitante.

Saciado, Políbio juntava as sobras do almoço no canto do prato. A assassina foi condenada a 30 anos de cadeia. Nunca mais a viu, desde o dia do crime. Se ainda vivia, disso não sabia. Nem queria saber.

Sônia deu um gritinho. Quase se esquecera do pudim. E levantou-se. Mário se disse farto. Mônica repetiu a frase. Quantos anos tinham os meninos?

— Vocês se casaram bem jovens.

Políbio fez as contas: 36 anos de vida, sendo 5 de inocência. O mais velho já andava na casa dos 10. E parecia ainda tão criança.

Chegado o pudim, todos os lábios sorriram. Os de Mário falaram.

— Escreva sua história, Políbio.

Sônia quis mudar de assunto. Só Deus salvava os homens. Os psicólogos já haviam insistido nessa história de escrever. Políbio não sabia escrever.

— Talvez não queira — opinou o visitante.

Os dois casais tomaram água, Mário aceitou café. O vício do cigarro. Tossiu e fez menção de levantar-se. Antes dele, o anfitrião se pôs de pé. Auréolas douradas cingiam as cabeças dos apóstolos.

Encaminharam-se para os sofás. Sônia ofereceu um cinzeiro a Mário e perguntou se ele conhecia outras obras de Martin Schongauer. Sonolenta, Mônica fechou os olhos. E os três meninos, assustados, chegaram à sala: Brejnev morreu.

— Vou escrever minha tragédia — anunciou Políbio.

A PÁLIDA VISITANTE

Como qualquer leitor, dediquei alguns anos a ler um pouco das literaturas antigas, especialmente a grega e a latina. Conheci também parte da literatura egípcia: o *Livro dos Mortos*, os *Contos do Harpista*, as epopéias das *Aventuras de Sinuhé* e das *Desventuras de Unamon*, o conto mítico *O náufrago*, e outros. Antes disso, havia lido estudos como *A Literatura no Egito Antigo*, de Thorbjörn Ling. E aqui se inicia minha visita ao mistério da morte de cinco homens de diferentes latitudes. Talvez por um acaso tenha lido uma página da biografia de Ling. E então minha curiosidade se voltou exclusivamente para a vida (e a morte) do lingüista sueco, me fazendo esquecer os seus estudos. Vasculhei bibliotecas imensas em busca de outras biografias dele. Interessavam-me a morte de Ling e, especialmente, a doença que o matou. Como podia um europeu ter morrido de lepra no Egito?

Thorbjörn Ling me levou a Jacob Grillparzer, autor de uma *História do Egito Antigo*. Em um dos capítulos mais curiosos e interessantes narra pragas de insetos ocorridas no Egito Antigo. Uma dessas pragas de gafanhotos é narrada com refinada arte e com tantos detalhes que não tive como não voltar ao Êxodo: "Estendeu, pois, Moisés a sua vara sobre a terra do Egito, e o Senhor trouxe sobre a terra um vento oriental todo aquele dia e toda aquela noite; quando amanheceu, o vento oriental tinha trazido os gafanhotos. E subiram os gafanhotos por toda a terra do Egito, e pousaram sobre todo o seu território; eram mui numerosos; antes destes nunca houve tais gafanhotos, nem depois deles virão outros assim. Porque cobriram a superfície de toda a terra, de modo que a terra se escureceu; devoraram toda a erva da terra, e todo fruto das árvores, que deixara a chuva de pedras, e não restou nada de verde nas árvores, nem na erva do campo, em toda a terra do Egito".

A narração de Jacob é muito mais rica, mais minuciosa do que a bíblica. Parece-nos ver as nuvens de insetos sobrevoando as planta-

ções e o chão. Ouve-se o chiar medonho dos gafanhotos devorando tudo, num craque-craque incessante, como se se visse o desfolhamento contínuo das árvores. Sente-se o odor da seiva no momento de sua sucção pelos acrídios.

O livro de Jacob transcreve trechos de inúmeros clássicos, assim como de obras menos conhecidas. Uma destas é *O Egito e os Hebreus*, de Gustav Hus. Segundo o biblicista tcheco, o capítulo bíblico da praga dos gafanhotos se referia, originalmente, a um tipo de gafanhoto já desaparecido. Não seria apenas uma figura de retórica o trecho seguinte: "antes destes nunca houve tais gafanhotos, nem depois deles virão outros assim". Na verdade, tais gafanhotos teriam existido somente naquele tempo, naquela estação do ano, naqueles dias de praga, ou naquele dia e naquela noite terríveis. O nome dessa espécie teria constado de manuscritos hebraicos, gregos e latinos. Estaria mencionado em uma versão da Bíblia, tendo sido dela extirpada por volta do terceiro século da era cristã. Consoante Hus, os insetos teriam sido transmissores de uma doença, espécie de lepra, que teria acometido populações inteiras do Egito e de toda a região desde o Rio Nilo até a Assíria.

O latinista Juan Carnicer afirma desconhecer, em textos latinos, qualquer alusão ao gafanhoto de Gustav Hus. Faz referência aos primeiros documentos latinos do século VII a.C. e transcreve trechos de obras de diversos escritores romanos, como Lívio Andrônico, Névio, Plauto e Ênio. Dedica algumas linhas a Plínio e sua *locusta*, e ainda descreve a anatomia de animais como a lagosta-gafanhoto.

Denis Papineau publicou numa revista científica um estudo intitulado *Origem e Evolução dos Gafanhotos*. Apesar do título, o biólogo francês não se limita aos gafanhotos — refere-se também às lagostas, aos grilos e às esperanças. E lembra algumas doenças, como gafa, sarna e lepra. Porém não afunda na História e muito menos nas origens da palavra *locusta*.

Recentemente tive um sonho esquisito. Eu me encontrava no Egito, como turista. Já havia visitado a Esfinge, as pirâmides e outros

templos da cultura egípcia. Acompanhava-me sempre um homem branco, louro, cinqüentão, robusto, alto, com quem eu conversava o tempo todo. Falávamos de faraós, dinastias, deuses. Ao despertar, tive a idéia de o homem do sonho ser Thorbjörn Ling, cuja fisionomia nunca tinha visto, por mais que a buscasse nas enciclopédias. Dias depois, porém, consegui um exemplar da edição sueca de seus ensaios dedicados à literatura no Egito Antigo. Numa das primeiras páginas está estampada uma fotografia de Ling. Não tenho dúvida de que retrata exatamente a fisionomia e o corpo do personagem do meu sonho. Há no livro também uma biografia dele: nasceu em 1833 e faleceu em 1893. Dedicou sua vida a estudos de literaturas asiáticas e africanas. Matou-o uma espécie de lepra, uma doença de pele, que o consumiu em poucos dias, quando visitava o Egito. Nem sequer conseguiu voltar à Europa. O corpo de Ling, inteiramente desfigurado, foi embalsamado e conduzido à sua terra natal.

Renovei correspondência com estudiosos da Literatura Egípcia antiga. Pietro Landini, professor de Literatura em Roma, me enviou uma longa carta. Eu o tinha conhecido em 1994, quando visitei a Universidade onde lecionava. Convidou-me a voltar à Itália. O resto do escrito é dedicado a Gustav Hus e sua obra: nascido em 1764, viveu quase sempre na miséria. Faleceu em 1824, quando de uma epidemia ocorrida em Praga. O professor dedica algumas linhas à importância do biblicista, ao seu livro citado no início deste comentário e a uma coletânea de lendas por ele publicada. Uma dessas lendas teria como enredo uma praga de gafanhotos. Talvez se tratasse da mesma narrativa estudada por Jacob. A curiosidade me levou a solicitar a Pietro um exemplar da coletânea. Ou, se isto lhe custasse muito trabalho, pelo menos uma cópia da lenda. No entanto, não obtive resposta. Pietro faleceu exatamente no dia em que me escreveu a carta.

Como Jacob Grillparzer conhecera a obra de Hus? Reli alguns capítulos de sua *História*, especialmente o das pragas de insetos ocorridas no Egito Antigo. Como da primeira vez, achei-o interessantís-

simo, uma obra de arte literária. Li também uma pequena biografia do historiador alemão: primeiro filho de um casal de judeus, nasceu em 1821, em Bremen, e faleceu em 1881. De quê morreu Jacob? De uma febre terrível, possivelmente causada por picadas de insetos. A informação é concisa e vaga. Quê insetos teriam matado o historiador?

Dediquei-me, a seguir, a Juan Carnicer e os escritores latinos por ele estudados. Essas leituras me fizeram recordar o meu pobre latim e minha antiga paixão pelo Império Romano. No entanto, Carnicer não me saía da cabeça. Queria saber mais dele, de sua vida e sua morte. O ano de seu nascimento é 1907; o de seu falecimento, 1967. Matou-o uma indigestão. Havia jantado com amigos num restaurante de Barcelona. Segundo os seus amigos e o garçom que os serviu, o prato escolhido por Juan havia sido lagosta. Durante todo o jantar falaram de crustáceos, romanos e latim. Ao se despedirem, ele se queixou de muito sono. Encontraram-no morto, no dia seguinte, as mãos retorcidas, os dedos feito garras, e todo o seu sangue derramado no chão do quarto.

Restava-me Denis Papineau. Folheei revistas de biologia e enciclopédias. Não encontrei qualquer referência a ele. Procurei biólogos brasileiros. Nenhum deles conhecia o francês. Telefonei a um amigo parisiense, Charles Sautet, e falei-lhe de minhas buscas. Ele me prometeu descobrir o paradeiro de seu compatriota. Alguns dias depois, telefonou-me: iria mandar livros que me interessariam muito. Um desses livros é uma biografia de Denis: nascido em 1912, faleceu em 1972. Matou-o um câncer de pele.

Ontem regressei do Cairo. Trouxe livros e fotografias. E mais mistérios. Lembram-se do meu sonho, do homem com quem conversava o tempo todo? Pois lá o encontrei novamente. Apresentou-se a mim como Jacob. Falava alemão, tendo nascido em Praga. Não me falou de literatura nem de história nem da Bíblia. Disse-me ser professor de latim. Perguntei-lhe se conhecia Juan Carnicer. Ele

sorriu: "*Quem dii oderunt, paedagogum fecerunt*"*. Indaguei se a praga dos gafanhotos ocorrida no Egito Antigo havia sido registrada por escritores romanos. Ele conduzia exemplar da revista onde Denis Papineau publicou o estudo sobre os gafanhotos. Fez-me doação dele. E se pôs a citar Horácio: "*Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas regumque turres* (...)"**. Depois olhou para mim com um olhar de eternidade, e prometeu: "Quando chegares à tua terra, eu te visitarei". E desapareceu atrás de uma pirâmide.

Eu o espero.

(*) A quem os deuses odeiam, fazem-no professor.

(**) A pálida morte bate com pé igual nas barracas dos pobres e nos palácios dos reis (...)

Pescoço de girafa na poeira

Mal o dia amanheceu, Fátima arregalou os olhos, assustada. Quê horas já eram? Conteve-se. Todos ainda dormiam. Até seu pai. Se pulasse da rede, despertaria a mãe, as irmãs, os irmãos. E seu plano poderia gorar. Melhor dormir mais um pouco. Afinal, talvez tenha permanecido acordada grande parte da noite. Não se lembrava de nenhum sonho. E sentia sono.

O circo havia se instalado na cidade há quase um mês. Fátima não se interessou logo por ele. Conhecia outros circos, desde menininha. Os mesmos palhaços, os mesmos trapezistas, os mesmos acrobatas, os mesmos animais amestrados. Não, não iria ver o novo circo. A menos que arranjasse ingresso gratuito ou as amigas insistissem muito.

Durante o café Dona Zita percebeu sonolência nos olhos da filha. Preocupada com os estudos? Se não fosse ao circo toda noite não precisaria estudar a tarde inteira. Ainda bem que aquele circo miserável já havia ido embora. Não, não fora até então. Alguém mentira. Não lembrava quem.

O acrobata chamava-se Igor. As roupas coloridas realçavam sua musculatura, as formas vigorosas. A cabeleira loura voava ao compasso de suas piruetas. E Fátima suspirava, roía as unhas, esfregava as mãos, amassava o vestido.

Terminado o espetáculo, insistia com as amigas para ver os leões. Ora, os leões, aqueles bichos fedorentos? Melhor passear na praça, ver os rapazes fumando e contando vantagens.

A aula de português não acabava nunca. A freira gritava ciclos. E girava ao redor da sala: Ciclo Carolíngio, Carlos Magno, Ciclo Bretão, rei Arthur, Ciclo Clássico. Por que não ia rezar baixinho na capela? E relógio, quem tinha relógio? Precisava ver os ponteiros girando, quase parados, talvez parados, quebrados. E o sol? A pino, a pino, a pino. A freira repetia os ciclos. "O sol é grande, caem co'a calma as aves, do tempo em tal sazão, que soe ser fria"...

Fátima suspirava, absorta, os olhos no soneto de Sá de Miranda.

Uma noite Fátima desgarrou-se das amigas e escondeu-se no circo. Queria ver Igor de perto, falar-lhe. Nas noites seguintes viram-se frente a frente, conversaram, beijaram-se. No entanto uns olhos azuis os espreitavam. E pertenciam à trapezista Catarina.

Durante o almoço Fátima apenas beliscou a comida. Dona Zita reclamou. Talvez a filha estivesse com vermes. Não, apenas preocupada com o dever de casa. Precisava ler muito o Ciclo Carolíngio e decorar uma poesia de um tal Sá de Miranda. Se não fosse toda noite ao circo... Ainda bem que já iam todos embora: palhaços, animais, trapezistas.

Sob os olhares de Catarina, acertaram Igor e Fátima a fuga dela. Escondida num dos caminhões. Tornar-se-ia trapezista. Ao meio-

dia ela deveria estar no acampamento. O circo desmontado e pronto para a viagem.

Mal tiraram os pratos da mesa, saiu Fátima à rua. Ao longe avistou a caravana do circo. O pescoço da girafa atingia as nuvens. O palhaço fazia graças na carroceria de um dos carros. Fátima correu ao encalço dos veículos. Quis gritar o nome do acrobata. Meninos aplaudiam tudo. A poeira tornava o sol mais amarelo. Os caminhões embalavam. Fátima corria junto aos meninos. Catarina ria numa das cabines. As últimas casas da rua pareciam mais pobres. Surgia a estrada de barro. Fátima só conseguia ver o pescoço da girafa. Tudo era poeira, longe.

Remição

"O amor e a morte trazem gozo para o espírito; também acalmam o corpo após um transe rápido e orgástico".
Manoel Lobato, *O Cântico do Galo*

Naquela noite Dr. Paulo tudo fez para não mais pensar em Helena. E quase nela não pensou. Como se tivesse morrido uma paciente qualquer. No entanto, não dormiu logo. Mesmo depois de tomar um comprimido de Gardenal. Talvez quisesse apagar da retina a imagem daquele corpo agora debaixo da terra. Dele e de seu fruto. Vagou pelo quintal da casa de sua infância, pela cama da mãe adotiva, pelos corredores da Santa Casa, e se acomodou no orfanato. Reviu companheiros de estripulias, ressuscitou a galinha que um dia furtou para matá-la. Por onde saía o xixi? Arrancou-lhe penas do rabo, futricou-lhe a cloaca com um dedo. Exasperada, a ave esperneava. Excitado, ele torceu-lhe o pescoço. E realizou a primeira cirurgia de sua vida. Com o canivete de ameaçar meninos zelosos e delatores cortou ao meio a galinha. Insatisfeito, examinou-lhe o intestino e o oveiro. Retirou bosta e óvulos e imaginou fogo onde pudesse assar a carne.

Revirou-se na cama, olhos abertos. Talvez devesse apanhar na gaveta do criado-mudo as fotos de mulheres nuas. Masturbando-se, certamente dormiria. E acordaria indisposto. Não, melhor aguardar a chegada de Morfeu. E, sem abrir a boca, pôs-se a construir frases. "Abnegado ministro do rei Sono, o senhor Morfeu vigiava o palácio todas as noites, feito cão-de-guarda. Nada de ruídos, quer de ratos, quer de ventos. Nada de rastros, nada de ventres. Grave e respeitável Morfeu, inimigo dos morféticos, dos moribundos, dos mostrengos. E viva a morfina!"

Sacudiu-se. O comprimido parecia fazer efeito indesejado. A galinha, onde deixara a galinha? Ora, morta e silenciosa. Como quer o rei. E a rainha? Estavas, linda Inês, posta em sossego. Fechou os olhos. Tal está, morta, a pálida donzela, secas do rosto as rosas e perdida a branca e viva cor, com a doce vida.

O prefeito gosta de discursos. Quanto mais empolados, melhor. O vigário gosta de sermões cheios de ira e vinho. Ou de latim com mitra. *Castis omnia casta*. Quem seria casto naquela cidade? Ou no mundo? Nem as crianças conseguem ser castas. O incesto começa no útero.

Viu a sombra de sua mãe aproximar-se da cama. Arregalou os olhos. O jaleco branco pendurado no cabide. Feito uma enforcada. Criou a imagem de seu pai. Devia ter morrido na forca o assassino. Terá cortado os pulsos ou ingerido veneno? Não, nunca recordava a ex-amante de seu pai. A não ser ao tempo em que dormiam na mesma cama. Estranha sensação ao encostar seu corpo miúdo ao daquela mulher a quem chamava mãe.

Por que não sentia sono? E se tomasse outro comprimido? Ou se voltasse às fotos de mulheres nuas? Belas pernas, seios durinhos, bundas nutridas. Excitou-se. Não, não devia mais se masturbar. Parecia até um adolescente. Impossível voltar aos tempos do orfanato. A galinha capturada, examinada, degolada. Ninguém soube de seu "crime". Nem os colegas mais íntimos. Contava-lhes quase todos os seus atos e pensamentos. Eles retribuíam na mesma proporção. Quando perdia o sono procurava-o no dormitório. Porém não podiam conversar. Quem fosse flagrado em colóquio após a hora de dormir teria castigos por uma semana.

Helena teimava em reaparecer, ora viva, ora morta. No entanto, Dr. Paulo não preferia rever nem uma nem outra. Havia passados menos amargos, deletérios. Como quando conheceu a nova enfermeira. Um amor de Celinha. Desde logo atraído por seu corpinho ainda adolescente. Ou quando fundou a Maternidade. Enfim, médico respeitado, em ascensão. A amizade do prefeito de Pocrane. A

promessa de torná-lo seu sucessor. Os tempos de Santa Casa de Misericórdia. Os bancos escolares, a Faculdade.

O jaleco pendurado no cabide já não figurava sua mãe. Fechou os olhos. Há muitos anos, numa noite qualquer, insone, vislumbrou na semi-escuridão do dormitório a silhueta de um menino de bruços. Quem seria? Parecia dormir, indefeso às tentações. E se apalpasse aquelas nádegas salientes? Melhor, talvez, retirar o lençol. Poderiam estar desnudas. Faria um carinho sutilíssimo. Conteve-se. O sangue parecia subir-lhe ao rosto. O coração batia num compasso de samba. Não, não deixaria a cama. Outros olhos porventura o veriam em pecado. E aos castigos se ajuntariam os achincalhes.

Dr. Paulo fugiu voando daquela região nubilosa. E se viu de novo frente a frente ao cadáver da enfermeira. Ainda belo na sua palidez de morte. E como fora sublime aquele corpo! Quanto prazer conheceu e ofereceu-lhe! Devia morrer de hemorragia. Ninguém, além dele mesmo e de Célia, saberia disso. A morte é redenção. Para todos, inclusive recém-nascidos.

Em desespero, como se se afogasse num poço, o médico buscou salvação nas dobras do lençol. Apertou-o, e parecia-lhe agarrar-se a umas pernas. Talvez as daquele menino do orfanato. E lançaria mão de tudo, valer-se-ia de qualquer lenho, para se livrar da lembrança de Helena e seu filho.

Por fim dormiu. Remido.

Dez cuecas para a eternidade

Carlos sentou-se num banco de praça e abriu a sacola para conferir as cuecas compradas há pouco. Contou uma a uma. Ao largo, pessoas passavam apressadas. Nos demais bancos, homens sentados. Uns fumavam. Talvez filosofassem. Disseram-lhe ser o ato de fumar propício a filosofar. Não tanto os cigarros. O cachimbo se adequava mais aos filósofos. Nunca deixou de acreditar na existência de Deus e na imortalidade da alma. Crenças rasas, adquiridas ao longo da vida, desde menino, com a mãe, os padres, os professores. Casou-se na igreja com Gessilda do Espírito Santo. Nasceram-lhe três filhos. Não chegou a cursar faculdade, porém ingressou no serviço público e cedo passou a ganhar salário invejável. Adquiriu imóvel e nunca deixou de freqüentar a igreja e rezar diariamente. Sabia de cor diversas orações. Confessava-se regularmente, sempre contando ao padre os mesmos pecados: "desejei a mulher mais próxima, porém logo me arrependi; quase todas as atrizes do cinema e da televisão; pecado passageiro e idiota".

Rapazes e meninos sujos andavam pela praça. Um deles aproximou-se de Carlos e logo se afastou. Sumiu na multidão. Carlos levantou-se do banco e se pôs a caminho do estacionamento. Numa das mãos conduzia a sacola com as cuecas. Um colega de trabalho dizia-se ateu e, vez por outra, tentava infundir-lhe suas idéias. Deus não existia. Para existir, deveria ser o único ente do Universo. Nada de homens, animais e vegetais. Porque uns devoram outros, uns necessitam de outros. Os da mesma espécie também se matam. Os homens, sobretudo. E nada, ninguém seria capaz de impor outra ordem. Se ninguém — Deus, por exemplo — pode ordenar o mundo, a vida, impedir o crime, o assassinato, a matança, então não há esse alguém.

Andando pela calçada, Carlos não percebeu a aproximação do rapaz que o havia mirado na praça. Chamava-se José, aparentava 18 anos de idade, vestia-se pobremente e vivia de pequenos roubos.

Também acreditava na existência de Deus, porém quase nunca se lembrava dessa crença. Não freqüentava igreja, não sabia rezar e confessava seus pecados a Maria, sua companheira. Seria mãe em breve. Se fosse menino, o nome seria Fernando; menina, Fernanda. Nasceria negro ou negra, como os pais, porém não seria doméstica ou ladrão. Seria médica ou deputado.

Súbito José arrancou da mão de Carlos a sacola e voltou-se, para fugir. No entanto, chocou-se com o corpanzil de outro pedestre. Desequilibrado, caiu. Assustado, Carlos quis fugir também, porém decidiu recuperar as cuecas. E pôs-se a pisotear e dar socos em José. Logo outros homens cercaram José e passaram a linchá-lo. Já havia muito sangue na calçada e José não reagia mais. Vendo isso, Carlos, de posse das cuecas e arfando feito animal caçado, retirou-se do local. Mais adiante entrou num bar e pediu água. Como demonstrasse cansaço e nervosismo, o homem do bar ofereceu-lhe cerveja. Nunca havia bebido, não fumava, não praticava qualquer vício. Achava abjetos os bêbados, suicidas os fumantes e pecadores os viciados. Gostava de futebol, torcia por grandes times, porém sem nenhum fanatismo. Votava sempre nos candidatos do centro, abominava os esquerdistas. Apesar disso, conhecia um marxista. Não um comunista, apenas o criador do cachorro Marx. Daí dizer-se marxista: amava Marx, o cão. Puro deboche.

Diante de Espírito Santo, demorou a contar o ocorrido. "Você bebeu?" Brigaram. Ele contou tudo, ou quase tudo. "O ladrão morreu?" Devia ter morrido. No dia seguinte, os jornais noticiaram o fato: José havia falecido. Seus agressores o mataram a pontapés, socos e pauladas, e depois encharcaram seu corpo de gasolina e álcool e atearam fogo. Maria virou mendiga e deu ao filho o nome de José. Teve outros filhos, porém José morreu antes de dois anos de idade. Carlos passou a beber muito. Alguns anos depois morreu de enfarte. Espírito Santo reza todo dia por sua alma, que subiu aos céus, segundo o padre, os filhos e ela mesma.

As dez cuecas — nunca usadas — também desceram à sepultura.

A GRANDE AVE DE RAPINA

Quase morri de espanto e medo, quando vi pela primeira vez a grande ave. Instintivamente deitei-me. Talvez por isso ela não deva ter visto a minha pessoa. Pousou lentamente, recolhendo as asas. Vagou a vista pela plantação e, a passos largos, dirigiu-se ao espantalho. Horrorizei-me: com duas bicadas violentas estraçalhou o boneco.

Parece um gavião, não fosse este tão pequeno. As pernas são de dois metros a mais. O bico figura tesoura de cortar galhos. Quando estende as asas lembra um avião.

Quase todo dia vejo o pássaro gigante. Surge de inopino, em vôo rasante, comete uma rapina e foge. Às vezes pousa no lombo de uma vaca. Espeta as garras na barriga da presa e levanta vôo. No céu aquele gavião imenso e uma rês em gemidos de morte. Os animais menores ele os devora no próprio local da captura. Pousa, dá uma bicada na cabeça da vítima, e, em pouco tempo, não resta mais nada a mastigar.

Impotente, fui à cidade em busca de socorro. Alguns riram de mim. Agüentei calado as zombarias. Afinal, eles são autoridade. São aves de rapina, eu sou bichinho do mato. Disseram não existir ave maior no mundo que a águia. E em nossos ares não voam tais predadores. Sou um mentiroso. Nunca me haviam chamado assim. E, se eu não parasse de aterrorizar o povo com notícias falsas, um calabouço me esperava. Outros vieram em meu socorro: eu certamente me fizera louco. Nada de interrogatório e tortura. Bastava me internarem num manicômio. Com camisa-de-força, choque elétrico e outros tratamentos eu logo esqueceria as aves de rapina. Um senhor muito risonho sugeriu amarrarem-me pés e mãos e conduzirem-me ao campo onde tem aparecido o pássaro. Outro senhor me prome-

teu uns chifres. Assim eu semelharia um boi. Falaram ainda em espantalho. E gargalhavam: "com duas bicadas o gavião acaba esse espantalho".

Depois da viagem nunca mais falei da grande ave de rapina. Se encontro um vaqueiro, fujo com medo de conversa. Vaca sumida, vaca comida.

E fico aqui sozinho, dia após dia, tremido de medo, miudinho, olho no gavião, que volta e meia retorna, espeta aqui e bica ali, devorador e insaciável.

Ode à tarde

Um passarinho cansou de voar e pousou num galho. Cantou uma ode à tarde e tencionou alimentar-se. Voou ao chão e defrontou uma serpente. O guizo dela agitou-se.

— Por que me olhas assim, cascavel?

O pássaro deu um saltinho para trás. Melhor não esperar resposta. Saltitou, deu pequenos vôos ao redor do ofídio.

— Tu me odeias porque não sabes voar, não é? Ora, se voasses, o que seria dos pequenos seres como eu? Contenta-te com rastejar.

Cantou trecho da ode à tarde e riu.

— Também me odeias porque não sabes cantar? Eu canto porque não conheço o ódio.

Calada, a serpente mirava o passarinho. E o seduzia com os olhos. Falando e cantando, a avezinha também mirava a cobra.

E deu-se o bote.

Dois seres

Há poucos dias estamos aqui. Trouxeram-nos um homem, uma mulher e uma menina. Chegamos dentro de uma jaula. Vivíamos numa jaula maior, com outros inúmeros semelhantes nossos. Não sabemos como eles estão, nem se ainda vivem no mesmo lugar. Nossos dias e nossas noites são sempre iguais. Dormimos muito, porque não temos quase nada a fazer. Passamos quase todo o tempo comendo a ração que nos dão, dormindo ou brincando numa roda. Às vezes o homem aparece, fuma, bebe, olha para a rua, o céu, conversa sozinho. Olha para nós e some. A mulher surge sempre à mesma hora: põe a ração dentro do pequeno estojo, despeja água noutro estojo, molha as plantas, fala alto e nos xinga. A menina pouco vemos. Fala-nos com carinho, olha para nós demoradamente e nos chama por nomes esquisitos. Os nomes certamente ela os inventou, porque antes nunca os ouvimos. Do outro lado da porta há sempre gente falando e às vezes cantando. São figuras pequenas, mais ou menos do meu tamanho, dentro de uma tela iluminada. O homem parece ouvi-las à noite. Não sei para onde vai durante o dia. A mulher nunca se senta ao lado do homem. Não sei mais o que fazer. Penso em fugir, mas a pequena prisão é de metal e entre as hastes mal cabe minha pata. Se eu conseguisse fugir, nem sei para onde deveria ir. Onde estarão meus irmãos e meu pais? Também penso em morrer logo. Não sei se duraremos muito nesta vida, embora não nos faltem comida e água. O sol é muito quente de manhã. Faz frio de noite. Há uma casinha dentro da jaula e nela às vezes nos refugiamos. No entanto, é muito quente, abafada, sem ar. E meu companheiro é muito egoísta. Não me dá espaço. O jeito é arranhar as hastes da jaula e pensar em fugas. A mulher aparece e grita: "Sossega, bicho danado". Se emagrecer muito, talvez consiga fugir. Para onde, não sei. O homem surge diante de nós e resmunga: "Esses bichos devem pensar também".

Incêndio

Carlinhos brincava no quintal. Olhou para o chão e viu uma sombra deslizar, correr. Cheiro de coisa queimada. Depois o mormaço. Ergueu a cabeça. Talvez a nuvem prenunciasse chuva. O sol quase o cegou. Levou as mãos à testa e correu para junto da mãe, que lavava roupa próxima ao tanque. Nem sequer deu atenção ao menino. Fosse brincar na sala e não lhe desse mais sustos.

Carlinhos atravessou o corredor e chegou à porta da rua. Às janelas, mulheres debruçavam os olhos para as bandas do céu. Mexericavam medos antigos de fogos vindos do alto para castigo dos pecadores. Nas calçadas, esquecidas pelos meninos, castanhas de caju se assavam. Pés descalços não suportavam a quentura do chão. Evolava-se dele uma fumaça espessa.

— Incêndio, minha gente, incêndio!

O homenzinho parecia aflito, suava muito e fedia a cachaça. Talvez fugisse para a Serra. O jumento, no entanto, mostrava-se manso, sem a mínima vontade de andar. Com certeza, sentia-se cansado de conduzir a carga de bugigangas nos caçuás. E olhava o chão, imune ao medo.

— Incêndio, meu povo, incêndio!

À falta de ouvintes para sua notícia, o homem vibrava o chicote no ar, como a alertar o animal. O fogo devorava a fábrica de descaroçar algodão. E ninguém ia apagar as chamas? O jumentinho dava um passo, catava capim, resfolegava. Olhos fitos na fumaça que passeava sobre todas as coisas, mais e mais pessoas saíam às ruas. Ninguém ia apagar o fogo?

Apavorado, Carlinhos voltou ao quintal. Acocorou-se ao pé de uma bananeira. A terra úmida lhe molhava os pés e o confortava. No alto, porém, a fumaça corria e, de vez em quando, fazia sombra. Parecia até nuvem de chuva. O homem e seu jumento talvez já tivessem ido embora. Carlinhos olhou para o muro. Não fossem os cacos

de vidro, poderia ver as ruas, a fábrica, o incêndio. Línguas vermelhas lambiam o céu azul e branco. E as casas, toda a cidade. Sim, o fogo devoraria tudo, coisas, pessoas, animais. A menos que fossem todos para o meio da rua, das praças. Melhor para a igreja-matriz. Lá o fogo não chegaria. O padre dizia que, quando o mundo pegasse fogo, só as igrejas seriam poupadas. E quando o mar invadisse a terra, no dilúvio final, quem quisesse se salvar, buscasse abrigo no interior das igrejas. As águas não passariam dos degraus do patamar. O resto do mundo estaria todo alagado.

— O mundo vai se acabar.

E, se não fosse pela água, seria pelo fogo. Por quê não corriam todos para a igreja?

— Vamos, mãe.

Fazer o quê na igreja àquela hora do dia? Deixasse de besteiras, fosse brincar.

Obediente, Carlinhos atravessou de novo a casa, aos pulos. Da janela avistou o jumentinho, a comer o capim da rua, conformado com sua carga, manso como antes. O homem, no entanto, falava mais alto e gesticulava muito, cercado de curiosos. No céu, a fumaça negra fazia sombras enormes no chão.

Aflito, o menino buscou refúgio no quarto de dormir e se ajoelhou diante do santuário. Deus o protegeria. Olhou para o teto: a telha de vidro servia de clarabóia. No entanto, a luz do sol quase não penetrava no quarto. E seu pai, onde estaria? Correu mais uma vez para perto da mãe. Ela saberia do pai.

— Está para chegar.

Precisava ter certeza daquilo. Numa carreira medonha, atravessou a cozinha, a sala de janta, e chegou à sala.

— O que é isso, meu filho?

O homem tirou o chapéu da cabeça e se dirigiu aos fundos da casa. Estava salvo do fogo.

Mais longe, o jumento não parava de mastigar. Onde andaria o homenzinho suado? Carlinhos esticou o pescoço — o desgraçado apareceu à porta de uma bodega e cuspiu.

O SONHO DA PRINCESA

Fugiu do castelo montada num cavalo branco. A noite parecia a mais escura de todas. E se bruxas saíssem em seu encalço? E se vampiros sedentos de sangue virgem a esperassem nos atalhos? E se o dragão, aquele imenso monstro, aparecesse? Pela estrada, porém, seu pai, o rei, todo dia cavalgava. E nunca o atacaram seres maus. Se o atacassem, seriam dizimados por sua furiosa espada. E pelas armas dos leais soldados.

Havia, porém, outro perigo. Se o cavalo deixasse a estrada e se metesse na floresta? Não, aquele cavalo, o predileto do rei, não se atreveria a cometer tamanha insensatez. Nem ele, nem outro. Nem mesmo cavalos cegos.

Reclusa no castelo, a princesa imaginava reinos distantes e, sobretudo, seu príncipe encantado. Quando o conhecesse, imediatamente se casaria com ele. Teriam muitos filhos e viveriam felizes para sempre. No reino do faz-de-conta.

No meio da noite, a princesa sentiu sono e fadiga. Freou o animal e apeou. A estrada parecia sem fim. O reino de seu pai abarcava o mundo. E onde ficava o reino onde vivia o príncipe de seus sonhos? Olhou para o céu. As estrelas a protegeriam das trevas. As nuvens deslizaram mais e a vaga luz da Lua chegou até aquele perdido pedaço do reino. Que maravilha! A princesa ensaiou passos de dança. Rodou, rodopiou, sorrindo. Parou, cambaleou, olhando para o animal. E teve um grande susto. Havia um chifre no meio da testa dele.

Era um licorne.

NEVER MORE

Ivo subiu à calçada. De longe avistou umas pernas desnudas. Quem seria aquela criatura? À esquerda um carro parado. O motorista de bigodes ria. De quê? E se também estivesse a olhar pelo espelho as pernas da garota? Cabelos louros a esvoaçar, distraída. Porém não podia ficar ali parado, feito um vagabundo. Havia mais gente na praça. O coração bateu mais intensamente. De relance viu a calcinha branca. À direita um homem e uma mulher conversavam, em pé. Riam também. Alguma piada. A mulher sacudia-se toda. O homem olhou para outra pessoa, sentada no banco, à direita. Com certeza esta também já percebera as perninhas alvas à mostra. A areia parecia mais seca. O vento de vez em quando levantava poeira. Há dias não chovia. Inquieto, Ivo meteu as mãos nos bolsos. Sentiu-se excitado. O sangue queimava-lhe a pele. O coração em ritmo de batucada. Podia ter um enfarte. Melhor sair logo dali, não olhar mais para as pernas da garota. Um cachorro atravessou a praça, distraído. Cruzou exatamente a linha imaginária que ia das pernas escandalosas ao olhar de Ivo. Maldito cão! O homem do carro ainda ria ou escondia os bigodes com a mão. Talvez ouvisse piadas pelo rádio. O casal conversava, sem perceber quase nada. Dois rapazes também conversavam, mais para a direita. Um deles podia estar vendo a causadora do pecado de Ivo. Porém só a veria de perfil. O cachorro desapareceu. Ivo se aproximou vagarosamente da pequena. Não podia parar. Ela se sentiria olhada, mirada, vasculhada. E os outros o recriminariam, com certeza. O homem do carro talvez até chamasse a polícia, se ele mesmo não fosse policial. Porém aquele instante poderia ser único na vida de Ivo. Olhou para trás. De perfil, o nariz do motorista lembrava o bico de um corvo. *Never more*. As costas do homem que contava piadas estavam molhadas. O velhinho do banco parecia cochilar. Os dois rapazes andavam no sentido contrário ao de Ivo. Ainda bem. Mais de perto viu como eram alvas as pernas da

criatura inatingível. Porém não viu mais a calcinha. Nem sequer as coxas. Caminhou, mais devagar, e mesmo assim tudo foi ficando para trás. Não podia parar. O instante maravilhoso já havia passado. O medo e a emoção se misturavam em Ivo. *Never more.*

O ARCANJO E A PRINCESA

Estando a porta entreaberta, o arcanjo vagou a vista pelo corredor e, sorrateiro, passou ao quarto. Da janela escancarada vinha uma brisa suavíssima. A luz da Lua rebrilhava no leito. A princesa, deitada, dormia. E só então o arcanjo percebeu não ser de lençóis a alvura que o ofuscava. Era do corpo nu da virgem. Sentiu arrepios e voou até a janela. A Lua pareceu-lhe maior e mais radiosa. Junto aos muros do castelo, ladravam cães. Talvez assustassem ladrões. E nada mais parecia vivo àquela hora.

Voltou à beira do leito. A princesa dormia deveras. Alheia às especulações do vento. Com certeza sonhava anjos e paraísos.

Por cautela, o arcanjo fechou a porta. O rei, astuto, podia ter preparado a armadilha. Afinal, vampiros, lobos-maus e homens vis rondavam donzelas dia e noite. Sendo assim, a princesa não dormia. Fingidora! Aliara-se ao pai na funesta intriga. Sim, só isso explicava sua nudez, estando porta e janela abertas.

Quedou-se o arcanjo junto à porta, olhos postos naquele corpo exposto ao pecado. E durante longo tempo esperou um mínimo movimento que o fizesse fugir pela janela. Não, nada se movia na princesa. E o rei, com certeza, também dormia.

Pé ante pé, o arcanjo caminhou no rumo do leito. E pôs-se de joelhos junto ao rosto dela. Os longos cabelos loiros cheiravam a camomila. Os cílios, tão sutis, pareciam veludosos pêlos de boneca. O nariz, a boca, o queixo, tudo no seu rosto lembrava deusas gregas. E o pescoço, o colo, cândidos, macios. O ventre, o pequenino umbigo de donzela, maravilhas intocadas.

Perplexo — nunca vira de tão perto um corpo nu de ninfa —, sentiu anseios de desmaio, de uma dor qualquer, da dor chamada morte. Porém um cheiro de açucena o fez sorrir, querer viver.

Quis beijar aquela flor, lírio-do-vale. Conteve-se. As coxas semi-abertas, alvas, roliças, encantavam-no. E se nunca mais a visse

assim, deitada, dormida, imaculada? Ousou tocar a pele da princesa-flor. Mui levemente. Como quem toca pétalas. E, como nenhuma reação houvesse, beijou o púbis inocente, lírio-branco. Olhos arregalados, viu abrir-se a flor. E cheirou corola, estames, gineceu. Beijou-os docemente, feito colibri. Depois, abelha, sugou-os longamente. Lambeu os lábios róseos. Língua eriçada, tocou as pétalas abertas. E tão sem controle se sentiu que, a gemer, caiu exangue aos pés do leito.

Muito depois, o Sol a queimar-lhe o rosto, acordou o arcanjo. De um pulo, pôs-se de pé. A princesa ainda dormia, o corpo nu e abandonado. Vozerio de criados ao longe. Cães latiam. A passarada piava. Festa no castelo.

Cheio de remorsos, o arcanjo quis sofrer. Apalpou o peito: amava. Sorriu. Olhou para o rosto da princesa. Como era bela! Caminhou no rumo da cabeceira. Pôs-se de joelhos. Por que não acordava a donzela? Que sono pesado e duradouro!

E nunca mais acordou a princesinha.

COM UNHAS E DENTES

Há uma semana Dalila virava a cara para Aleodoro. Se ele fazia pergunta, ela não dava resposta. Ou respondia "com quatro pedras nas mãos". Por qualquer motivo mandava os cinco dedos na cara dos filhos. E deixava o arroz queimar, esquecia de descongelar a carne, quebrava pratos na pia.

Aleodoro não pedia explicações. Sabia muito bem a causa de tanta birra. Andava cansado, aborrecido, sem vontades. Tantos anos de trabalho, e nem uma casa onde morar. Tanta dedicação à família, e aqueles filhos vagabundos, idiotizados. Tantos sonhos, e só desilusões.

Poderia muito bem pedir desculpas pelas palavras ásperas, pela cerveja em excesso, pela falta de carinho. Mas não queria se render, se humilhar, virar cachorrinho.

Aleodoro lia pedaços do jornal, imaginava Dalila pintando unhas. Não, aquilo não eram horas para pintar unhas. Resolveu tomar uma cerveja. A goles lentos, passaria mais uma hora. Tempo para Dalila voltar.

Não, aquela mulher estava se excedendo. Melhor dar um basta naquilo. Ora, nem o almoço fizera! Um desaforo! "E já estou de saída. Vou ao salão de beleza".

Os filhos, aqueles inúteis, não sabiam de nada. Talvez Dalila estivesse na cozinha. Ou na vizinha. Por que não batia à porta do vizinho?

Absurdo um homem não almoçar, depois de quatro horas de trabalho! "Então arranje uma cozinheira".

Rasgou o jornal, desligou a televisão, bebeu um trago de conhaque. Onde andava Dalila? Não podia estar ainda no salão. E se tivesse sido atropelada na rua?

Apavorado, o homem tomou outra dose e saiu. Devia ir primeiro ao salão ou aos hospitais? Talvez à polícia. E apressou o passo.

Não, a desgraçada de sua mulher com certeza pintava unhas e dentes. E ria dele, o cachorrinho faminto. Melhor tomar umas cervejas regadas a fumegantes bifes acebolados. E só voltar para casa de madrugada.

Decidido a vingar-se, parou diante do primeiro bar. Bêbados gritavam, gargalhavam, expandiam-se. Todos livres de suas megeras domésticas.

Aleodoro ia sentar-se, quando uma gargalhada medonha explodiu a seu lado. Olhou: a cena lhe pareceu impossível: Dalila, cercada de três senhores, afetava toda a alegria do mundo, os dentes luzindo na noite.

COLOMBO E AS CARÍCIAS

Desnorteados, Colombo e sua jangada vagavam pelo mar das tempestades. O sol há muito se metera nas profundezas das águas. Nenhuma estrela indicava rumos.

Era esperar pelo pior. Horas e dias de perdição, fome e sede. Depois a morte.

E o jangadeiro adormeceu.

As correntes, entanto, levavam a jangada ao reino do deus-dará. E antes do amanhecer aportou numa remota ilha. Encalhou na praia.

Com o sol no rosto, Colombo despertou. O barulho das ondas quebrando e o sossego da jangada pouco diziam. Não se lembrava ainda do desespero de horas atrás. E nem quis pensar.

Sem delongas, levantou-se e pulou para a terra. Sim, lembrava-se de tudo e se sabia salvo. O mar não o sepultara daquela vez.

Exultante, andou para lá e para cá. Pensou até em rabiscar umas figuras na areia. Talvez umas letras. Ser menino de novo. Construir uns castelos enormes, cheios de torres.

Súbito, parou. Ora, aquilo só podia ser uma ilha, terra nova, desconhecida dos homens. Maravilha! Voltaria ao Ceará e anunciaria ao mundo a sua descoberta. Iria aos jornais, às rádios, às televisões. Até ficaria famoso.

Enquanto sonhava, uns indivíduos o cercaram.

— Quem é você?

— De onde veio?

— O quê quer aqui?

Colombo disse ser de paz, etc. Tão pacífico que não portava armas e andava só.

— Sou apenas um jangadeiro.

Os nativos da ilha terminaram encantados dele. E, para não o verem partir, destruíram a jangada.

Porém Colombo queria voltar à mulher, aos filhos e companheiros do mar. Aquela ilha não o encantava. Muito menos seus habitantes.

E, numa noite sem lua, meteu-se no mar e se pôs a nadar. Batia os braços com sofreguidão. Um dia chegaria ao Ceará.

No entanto, as braçadas do nadador fugitivo logo se transformaram em socos. E a vítima deles, coitada!, talvez sonhasse carícias.

Aos gritos, a mulher de Colombo acordou.

D. Evinha ainda parecia nervosa. Um milagre não terem morrido. Aquele maluco devia estar preso, bem preso. Para nunca mais quase matar pessoas indefesas. Nereida chorava de vez em quando, embora não tivesse nenhum ferimento. Apenas uma pancada no joelho.

Preocupado com as conseqüências do pequeno acidente, Silvano se lamentava: quisera apenas ajudar a velhinha. Coitada, sob aquele sol do meio-dia, esperando ônibus! Mara, porém, duvidava ter sido esse o motivo da atitude do marido. Não teria parado o carro por causa da mocinha?

Revoltada, Mara contou detalhes do acidente à amiga Maria Serpa. Uma freada brusca e quase matou a velhinha e sua neta. A outra quis saber se Silvano conhecia as duas mulheres. Nem uma nem outra. Viu a mocinha à beira da calçada e parou o carro. Depois arranjou a desculpa da misericórdia pela velhinha exposta ao sol a pino. Um miserável! Vivia atrás de mulheres. Não respeitava ninguém.

Mal se deitaram, Maria Serpa puxou conversa com o marido. Se já sabia do acidente causado por Silvano. Sim, coisa sem importância. A anciã nem sofrera nada. Porém havia a mocinha. E o tarado talvez até estivesse pegando nas pernas dela. Não, Silvano não seria capaz disso, jurava Coutinho. Era, sim. Disso e de muito mais. Capaz de estuprar a própria filha.

À hora do recreio, Nereida encontrou Ione. Quase morrera no dia passado. Um doido num carro. Ofereceu-lhe carona e por pouco não bateu noutro carro. Não, não o conhecia. Se estivesse sozinha, não teria entrado no carro. Apenas conversaram. Não, não fez nenhum convite. Nem tocou em suas pernas. Coitada da vozinha. Muito assustada. Talvez descuido dele. Parece chamar-se Silvano. A polícia queria prendê-lo.

Silvano contou tudo a Coutinho. Um descuido. A velhinha falava sem parar, a garota ria. Não, não conhecia nenhuma delas. Podia ter sido grave o acidente. E se a velhinha tivesse morrido? Nem pensar nisso. Quisera apenas praticar uma boa ação. Mara gostava de dizer tolices. Então não se preocupasse mais com aquilo. Não, de jeito nenhum. Tinha a consciência tranqüila.

E mudaram de assunto.

A SALVAÇÃO DA ALMA

Constantino acordou sobressaltado. Mais um minuto de sono e chegaria atrasado à igreja. O padre estaria nervoso e seria capaz de o mandar embora.

— Você não se emenda, traste — brigava a mulher.

Aquilo acontecia quase todo dia. Saía da igreja e entrava nas bodegas. E bebia feito uma raposa. Insaciado, antes de ir para casa, Constantino pedia uma garrafa cheia e mandava o bodegueiro anotar a despesa. No fim do mês, quando o padre pagasse o ordenado, saldaria a dívida.

E assim era há muitos anos.

— Cala a boca, mulher — gritava.

E se preparava para sair. Mais um dia de muita labuta naquela igreja imensa e sempre cheia de poeira.

Como todo dia, pôs-se a espanar o altar e seus arredores. Nenhum cisco poderia ficar sobre nada. O padre exigia limpeza total. Padre exigente!

Passou aos bancos onde os fiéis se sentavam e oravam. Sempre havia sujeira. E objetos esquecidos: terços, missais, véus, dinheiro, bilhetes.

Imensa igreja para um homem só zelar. Aquele padre era também mesquinho. Podia arranjar mais um zelador. E pagar ordenado maior.

Ninguém, no entanto, falava mal do padre na cidade. Nem mesmo nas bodegas. Todos preferiam falar de si mesmos, dos vizinhos, dos cachorros de rua...

— Como vai a igreja, Constantino?

Além do altar e dos bancos dos fiéis, havia outros lugares e móveis a limpar. Como os confessionários.

E o cansado zelador abriu a portinhola de um dos confessionários. Olhou para o assento de palha. Nenhuma sujeira aparente.

Nenhum cheiro de mofo ou peido. Nada a limpar. No entanto, que bom lugar para descansar! E Constantino sentou-se, puxou a porta, abraçou o espanador. Num minuto, virava padre. Do lado de fora do confessionário uma fiel contava pecados. Nem muito graves nem pouco leves.

— A senhora está perdoada.

— Nenhuma penitência, padre Constantino?

— Sim, a senhora vai limpar a igreja todo dia, até o fim de sua vida.

— E tem pagamento?

— Tem: a salvação de sua alma.

Mal ditou a penitência da pecadora, um berro o acordou:

— Constantino, saia já daí, seu preguiçoso!

Dos olhos do padre saltavam chispas de ódio.

Vou ser herói, Maria

Transtornado, o homem recusava abrir a porta do elevador. Se do lado de fora estivesse um tigre à sua espreita? Vários tigres? Um horror! E tremia todo. Não conseguia nem sequer se manter em pé. Melhor sentar-se. E esperar, esperar, esperar. Passaria toda a noite, e quantas noites fosse preciso passar, dentro do elevador. Não, morreria de inanição e tédio. E se o tigre, os tigres abrissem a porta? De manhã os vizinhos, sua mulher só encontrariam alguns ossos. Nunca saberiam como e por que sumira tão misteriosamente. A ossada poderia ser de outro. Talvez de um cachorro grande. Nunca de um homem, dele. Não havia canibais na cidade. Nenhuma notícia deles.

Sossegou, buscou uma brecha na porta, olhos e ouvidos de caçador. Nenhum sinal de tigre. O bicho não chegara àquelas alturas. Com certeza continuava na rua.

Abriu um pouquinho a porta. Puxou-a para si. Melhor não confiar em nada. Felino é bicho traiçoeiro. Empurrou de novo a porta. E, de um pulo, lançou-se contra a porta do apartamento. Socorro, Maria, socorro! Do outro lado gritaram espere, espere. Até abrirem a porta o tigre o devoraria. Bateu com força as mãos na porta. Deu outro pulo e caiu no meio da sala. Bêbado, sem-vergonha, desgraçado. Fechassem a porta logo. O tigre podia entrar.

Não, não havia bebido nada? E o que era aquilo então? Ficara maluco de vez? Maluco é a mãe. Mais um minuto, e nunca mais o teriam visto. Comido, co-mi-do por um tigre, Dona Maria. Ela se pôs a rir. Riso de deboche. Depois gargalhou. As crianças também riram. O pai delirava? Ergueu-se do chão, ainda aflito. Prestassem atenção, muita atenção. Havia um tigre na rua. Debaixo do prédio. A mulher riu de novo. Não risse. Se não acreditasse e quisesse virar comida de tigre, abrisse a porta e descesse. As crianças já não riam e correram para a mãe.

Na televisão o locutor falava de crises, abacaxis e pepinos. Alta do trigo. O homem correu a apertar o botão do aparelho. Nada de barulho. O tigre poderia se irritar. De onde surgiu esse tigre, homem? Sei lá. Deve ter vindo da África. Não, pai, ele fugiu do circo. Deu na televisão. Mentira, gritou o outro filho. O tigre estava doente e teve alta. Então é mais perigoso ainda. Tigre ferido é uma fera.

Maria deu um gritinho, as crianças se puseram a chorar. O homem criou coragem — foi trancar a porta já trancada. Arrastou os sofás para a porta. Onde estava o revólver? Não tinham revólver nenhum. Só os de brinquedo. Então buscassem as facas, todas as facas. Se o tigre se atrevesse a entrar, ele o esfolaria. Vou ser herói, Maria.

E apagou as luzes.

Circuito

"Entramos nos quarenta anos com a inexprimível idéia de que o nosso simples e silencioso matrimônio de irmãos era o fim necessário da genealogia fundada pelos bisavós em nossa casa."

Julio Cortázar, *Casa tomada.*

Cansados de vagar pelas ruas, famintos, Daniel e Irene pararam diante de um bar. Se não encontrassem comida, ao menos descansariam. Outra pousada talvez não houvesse por perto.

O garçom ofereceu-lhes vinho, cerveja, vodca, uísque. Aceitaram vinho com salame. Ela abaixou a cabeça, quase até à tábua da mesa. Ele olhava sutilmente para os outros bebedores. Um deles, exaltado, falava mal do governo. Outro cochilava diante do copo. Havia bigodes volumosos, barbas ralas, dentes luzidios, olhos faiscantes.

Daniel pediu mais vinho e salame. Irene queria chorar, sair dali, deitar-se, esquecer tudo. Tivesse calma. Precisavam ordenar as idéias. O vinho talvez os ajudasse. Ao redor dele o governo tombava. Bigodes se enchiam de dentes; barbas, de olhos. E a casa? Como estaria a casa deles àquela hora? Já teriam tomado conta da biblioteca, devorado os livros franceses? Ah! como guardava belas recordações de Balzac, Flaubert, Victor Hugo.

Por um instante Irene esqueceu de si mesma. Tivesse o irmão cuidado com aquele vinho. Não costumava beber e poderia se embriagar. E, então, como teriam boas idéias e sairiam dali? Ele se exaltou. Não precisava de idéias. A única idéia daquela noite deveria levá-los de volta à sua casa. Sim, a casa lhes pertencia. Não a deixariam para primos distantes e, muito menos, para intrusos, invasores es-

tranhos. Ela se pôs a chorar baixinho. Nunca mais voltaria àquela casa. Como voltar, se estranhos a haviam tomado?

Um dos bigodes do recinto aproximou-se dos irmãos. Pediu licença para ajudá-los. Pôs seu copo junto ao de Daniel e puxou uma cadeira. Ouvira toda a conversa do casal. "Somos irmãos". Os dentes do intruso brilharam, assim também os olhos. Se não podiam voltar para casa também não podiam passar a noite nos bares ou nas ruas. Daniel pediu mais vinho. Irene mirava o brilho dos dentes do outro.

Morava sozinho num casarão. Os pais mortos há muito. Os irmãos perdidos no mundo, cuidando de suas vidas. Casamento nunca não quis. Preferia a noite, os companheiros de bar. Mulheres surgiam e sumiam, feito fantasmas, sombras, inacessíveis. Em suma: muita solidão. Nem sequer um gato para miar-lhe o silêncio, um cão para ladrar-lhe a escuridão. Se ao menos ainda gostasse de livros! Atemorizava-se diante da amplitude de Balzac. Aborrecia-se com o infinito amargor dos personagens de Flaubert. Talvez devesse colecionar selos e revê-los aqui e ali. E, se fosse mulher, poderia tricotar e desfiar coletes, echarpes, cachenês.

O homem ora agarrava o braço de Daniel, ora apalpava o ombro de Irene. Os irmãos se entreolhavam. Ela mostrava uns olhos de medo e espanto. Ele simulava uns lábios de quietude e impassibilidade. "Precisamos ir embora, caminhar". Sim e não. Pois como andar pelas ruas àquela hora? Já fechavam as portas do bar. Nenhum boêmio, nenhum bêbado mais. "Vamos à minha casa. Dormiremos e, quando for dia, tomaremos nossos rumos". Irene amparou-se no irmão. Aquele sujeito talvez estivesse embriagado. "Iremos de carro". Pior ainda. Não conseguiria dirigir. "Tenho motorista. Se não gostarem dele, chamarei o *chauffer*".

O automóvel planava. As esquinas se sucediam. Vultos sonolentos andavam pelas calçadas. O condutor parecia um boneco. O dono do carro nada mais falava. Daniel olhava para um lado; Irene para outro.

Súbito o automóvel parou. E os irmãos, pasmados, se viram diante da casa que lhes fora tomada.

A PROVA

Dalila falava de Sansão. Contava casos, proezas. Eu me impressionava. Sempre me impressionaram mulheres bonitas e, ao mesmo tempo, decididas, corajosas, ousadas. A beleza delas talvez me venha dessas qualidades.

Cativo dela, perdi a timidez e fiz a pergunta-chave: por que traíra Sansão? E a resposta veio categórica: porque não gostava dele.

E Dalila ria, quase gargalhava, ao relembrar Sansão sem cabelos, enfraquecido. Eu também ria, contagiado pelo riso dela. E encantado de sua beleza. Outros teriam medo, fugiriam ou nem sequer dela se aproximariam.

Estávamos numa casa rústica. Só nós. Eu imaginava como seria o resto do dia. Ela falaria o tempo todo? Não sairíamos a passeio pelo bosque? Não nos banharíamos no rio? E o almoço? Não, eu não sentia fome ainda. Só desejos. Com certeza, antes da noite estaríamos na cama. Porém eu suportaria espera tão longa? E nem mais queria falar de Sansão, por mais simpatia que tivesse por ele. Um herói, sem dúvida. Um grande herói!

Tomamos licor, ouvimos música e perdi de vez a timidez. Falei de mim mesmo, contei piadas, cantei. Nunca tivera tão perto mulher como aquela. As outras mal conversavam, não tinham passado, só ânsias. E depois não restava nada. Nem saudades. Se belas, faltavam-lhes vida. E eu as esquecia logo. A seguinte apagava da memória a anterior.

— Você é mesmo a Dalila de Sansão?

Ela riu, pediu licença e se retirou. Iria buscar a tesoura? Para quê, se meus cabelos eram curtos? Não tive medo ainda. Talvez ela voltasse nua e ali mesmo na sala se entregasse a mim. Num minuto voltou. Trazia uma bandeja reluzente e sorria, como sempre. Pensei no almoço. E senti fome.

— Não precisava se incomodar.
Aproximou-se de mim.
— Trago a prova: a cabeça de Sansão.
Horrorizado, acordei.

Questões de estilo

Salomão governava com mão de pluma. Quando estudante, até fizera versos. Queria ser poeta. Conhecia os melhores poetas da língua portuguesa. Dos mais antigos aos mais modernos. Com o tempo, trocou os versos pelos discursos. E o moderno pelo antigo. Terminou prefeito de Palma.

Vivia discutindo com seu secretário, que redigia torto. Pedia um ofício, vinha uma barbaridade.

— O que significa isso, Seu Elias?

O secretário ria, tentava explicar. Salomão se irritava, falava mal dos neologismos, das gírias, da linguagem dos jornais.

— Não sabem escrever. Bando de analfabetos.

Todo dia os dois discutiam por força das palavras, da sintaxe, dos estilos. O prefeito apegado à gramática, o secretário às novidades.

— Lembre-se de que sou íntimo de Camões, Bilac, Bandeira e de todos os grandes poetas.

Até que resolveu demitir Elias.

Já velho, família para cuidar, o ex-secretário buscou socorro nos modernísimos olhos da primeira-dama.

— Só sei fazer isso, Dona Josefina. E não há mais tempo para aprender outro ofício.

À noite, Salomão se aborreceu de novo. Não, não voltaria atrás. Palavra de prefeito, palavra de rei. Não admitia barbarismos, barbaridades, barbáries.

— Não seja mau, Salomão. O coitado até chorou.

Do pedido passaram às ordens, destas a dominados e dominantes. E terminaram em revoltas e mortes. A ruína da sociedade, da família, do casamento.

— Vamos então ao divórcio — ele esbravejou.

Ela chorou, os filhos choramingaram, a vizinhança sorriu. Nem a poesia salvava a felicidade.

Perto da meia-noite, o bate-boca acabou. Ora, direis. Os filhos já dormiam. Os vizinhos se entreolhavam, decepcionados.

No outro dia, Elias voltou à Prefeitura.

— Redija um ofício ao Governador — ordenou Salomão.

— E pode usar o seu estilo.

Coisas da natureza

José Maria teve um sonho horrível. E nem o contou a Maria. Ou devia contá-lo? Não havia almas gêmeas!

José não chegou a biólogo. Aliás, nunca chegou à Universidade. Apesar disso, interessava-se sempre por generalidades e curiosidades científicas, especialmente as da área da biologia. Sem esquecer os traços biográficos de alguns cientistas. Assim, conhecia Mendel como poucos mendelianos ou mendelistas, austríacos ou biógrafos do botânico.

Zé-Maria, no entanto, não compreendia tudo das ciências biológicas. Talvez porque lesse excessivo número de livrinhos de divulgação pseudocientífica, do tipo "Como fazer enxertos", "Novos métodos de implante dentário" ou "Vida e morte dos parasitas".

Maria não se incomodava com as manias de seu marido. Antes, se sentia orgulhosa da inteligência dele. Se alguém falava de plantas ou animais, ela se lembrava logo dele. "Fale com Zé-Maria. Ele é doutor em buganvílias. Sabe tudo de gafanhotos".

Se José voltava para casa agarrado a um livrinho, Maria corria aos braços dele. "E agora, sabichão?" Ele ria e mostrava a capa: "Assim se produzem gêmeos".

Unidos há alguns anos, José e Maria não tinham filhos. A culpa disso, ele garantia, não vinha dele, nem da biologia. Ela retrucava — nem de mim. E o agarrava, como se abraçasse um livrinho.

Confuso, José vasculhava dicionários e enciclopédias, em busca de uma ordem de conhecimentos. Dos gêmeos chegava à mitologia e desta às constelações. "Se tivéssemos filhos — sonhava — eles se chamariam Castor e Pólux". Dengosa, Maria se amuava. Não, não gostava nada daqueles nomes. Preferia Cosme e Damião. E desfiava um rosário de nomes de santos e mártires do catolicismo.

Cansado de conversas sem termo, Zé-Maria corria atrás de seres minúsculos. Coçava a cabeça, como se aninhasse piolhos. Vinham-lhe à mente os tempos de rapaz. As diversões, as mulheres, as doenças venéreas, os chatos. Revirava os livros à cata de parasitos, anopluros, insetos. Maria conchegava-se dele novamente. "Está lendo o quê, sabichão?" Ele soltava os parasitos e corria atrás de outra curiosidade. Voltava à cadeira agarrado a monstros xifópagos.

José parecia um cidadão muito normal, trabalhador, dedicado ao lar, sem vícios. Não freqüentava bares, não procurava mulheres, não fumava. Elogiavam-no na rua onde morava, na empresa onde trabalhava. Maria, no entanto, reclamava de tanta normalidade. "Vamos ao cinema?" Zé não gostava de cinemas, nem de teatros, nem de circos, nem de zoológicos, nem de igrejas. "É ateu?" Respondia com aulas de biologia. E à noite, cansado de anopluros, gêmeos e enxertos, visitava todos os canais da televisão, à cata de notícias bizarras, documentários científicos e filmes de horror. "Maria, vem ver isso". O locutor falava do homem que havia introduzido no próprio ânus uma cenoura.

Noutras noites José se dedicava a rever desenhos e fotografias de seres anômalos: porcos com duas cabeças, hermafroditos, vegetais enxertados.

E ia para a cama, satisfeito. Maria, contudo, ainda o esperava. "E o porco?" Ele tentava dormir. "Coisas da natureza, mulher". Ele ria: "Vem cá, meu porquinho de duas cabeças".

Grunhiam por alguns instantes e depois caíam em sossego. No outro dia ela contava sonhos sem fim. Falava de borboletas azuis, anjinhos e outros seres alados. Ele resmungava, ia trabalhar e voltava coberto de parasitas.

"Você nunca me conta os seus sonhos", queixava-se Maria. E acolhia-se ao peito de Zé-Maria. "Não tenho sonhos, ou não me lembro deles". Lembrava-se de monstros xifópagos e queria buscar livros na estante. Com a ponta do dedinho, ela descobria o

umbigo dele. E ria. "Sossega, Maria José". Ela sossegava, mas voltava aos sonhos. "Eu também sonho com borboletas e anjos".

José sonhava outros sonhos. Aqui devorado por ele mesmo. Ali multiplicado por mil. Ontem unido a Maria. Quatro pernas, quatro braços, duas cabeças. Um monstro. Coisas da natureza.

Cornélio Basso fez uma pausa. Agarrou o copo e o levou aos lábios. Na platéia houve inquietação. Alguém tossiu. Da primeira fila de cadeiras pareceu sair um homem agachado, ou pequeno. Uma criança, talvez. Pôs-se de quatro, de costas para o orador, no início do corredor atapetado. Cornélio voltou a falar. Os desejos recalcados não deixam de ter uma existência no inconsciente. No entanto, a platéia se mostrava inquieta. Ouviram-se sussurros. O homem agachado pôs-se a andar pelo carpete vermelho, rumo à saída. Subiu o primeiro degrau, caminhou, subiu o segundo. No inconsciente os desejos inconciliáveis podem coexistir. Na primeira fila uma cabeça olhou para trás. O fugitivo já ia quase ao meio do corredor, a passos lentos e cadenciados. Os desejos inconscientes não são modificados, nem pela realidade exterior nem no decorrer do tempo.

À saída, uma hora depois do início destes acontecimentos, Terêncio Floro perguntou a Helvídio Lucano se vira um vulto deixar a sala. Não, não vira nada, a não ser Cornélio. Vira e ouvira. Pois fora ali para ver e ouvir Cornélio Basso. Por acaso esse vulto tinha alguma importância? Terêncio desculpou-se. Pensou tratar-se do vulto de Torquato Gélio. Porém Torquato jamais faria aquilo. Nunca se retiraria de uma conferência. Ainda mais se o conferencista fosse Cornélio Basso. A não ser que tivesse sentido algum mal-estar.

Lélio Silvano chegou à calçada, olhou para os grupinhos formados aqui e ali, e optou por Terêncio e Helvídio. Deram-se palmadinhas nas costas. Cornélio estivera magnífico. Sim, o inconsciente só obedece ao princípio do prazer. Ele disse isso? Não lembro de ter ouvido isso. Provavelmente falou isso no exato momento em que acontecia aquilo. Lélio sorriu, ensaiou uma risada, conteve-se. Referia-se Terêncio ao cachorro? Helvídio olhou, espantado, para Lélio e, em seguida, para o chão. Cachorro? Que cachorro? Ora, não

entendia como haviam deixado um animal entrar no anfiteatro. Desleixo total dos diretores. Descuido gravíssimo. E se se tratasse de um cão raivoso? Terêncio tomou a palavra: Esse animal não era um homem? Lélio sorriu. Estando na primeira fila, podia esclarecer o fato. O cão dormia recostado ao estrado. Ao ouvir a voz de Cornélio, acordou. Helvídio não gostou da frase. Se o cão dormia, não podia ouvir a voz de Cornélio. Seja como for — continuou Lélio —, olhou para a platéia, teve medo e meteu o rabo entre as pernas.

Terêncio levou as mãos aos olhos: estou ficando cego.

Muito sério, Lélio imitou o cão. Saiu pé ante pé pelo corredor e mansamente desapareceu.

Lívio e Júlia retiravam-se, saídos de outro grupinho. Passaram por Terêncio, Helvídio e Lélio, deram boa-noite e pararam. Lívio se voltou para os três amigos. Vocês viram o vexame desta noite? Lamentável, horrível, inexplicável. Como trazer uma criança para a palestra de Cornélio Basso?! Nervosa, Júlia arrastou Lívio para o grupo. De quem será filho esse pobre menino? Helvídio parecia horrorizado, embora sorrisse. Afinal, o vulto visto por todos mudava de figura a cada momento.

Aproximou-se deles um rapaz. Disse chamar-se Torquato Basso. Lívida, Júlia recuou. O moço gargalhou. Se quisessem, chamassem-no Cornélio Gélio. Ou Terêncio Lucano. Ou Lélio Floro. Ou Helvídio Silvano. Afinal, o inconsciente só obedece ao princípio da dor. Os desejos inconscientes são modificados a cada momento e de acordo com a realidade exterior.

Pôs-se a gritar o estranho. Aterrorizados, os espectadores saíram em disparada pela rua.

Um cão pôs-se a latir diante do anfiteatro.

Ser ou não ser

Mais uma para nos enganarem. Agora passamos o tempo ouvindo música. A cada hora, mais crescemos e engordamos, a olhos vistos. Estão todos felizes da vida. Passam o dia cantando, imitando cantores e cantoras. Um deles adora Gardel. Só falta perder a voz. Vive rouco, engasgado. Come e canta, come e canta. Deve estar louco. Outro até chora quando Amália Rodrigues canta. A maioria, porém, gosta mesmo é de sinfonias, sonatas, valsas. Babam ouvindo piano. Meu vizinho engordou antes de todos, só de ouvir Mozart. Levaram-no ontem. Os homens que cuidam de nós saem felizes. Como cresceram de ontem para hoje! Tento ficar surdo, para não engordar tanto, embora goste de tudo o que ouço. Os que inventaram a música são mesmo divinos. No entanto, como são diabólicos os homens! Dão-nos música, comida, prazer, para que cresçamos, engordemos e viremos repasto deles. Pois saímos daqui para a panela dos homens. Afinal, somos tão-somente pequenas criaturas de carne saborosa. Frangos, como dizem os homens que nos visitam de hora em hora.

Agora uma valsa de Strauss. Divina! Ouço ou não ouço?

Cena de carnaval em Olinda

Fantasiado de príncipe, o pequeno Maurício bebia goles e mais goles de cachaça. E prometia uma semana de folia. Os amigos também bebiam, riam e davam passos desequilibrados de frevo. Não havia carnaval como o de Olinda. O melhor e mais alegre carnaval do Brasil, do mundo.

A fuzarca tomava conta das ruelas de Ouro Preto. Todos os rádios tocavam frevos. Meninos e meninas brincavam e pulavam junto aos esgotos descobertos. Cachorros latiam e corriam, espantados.

Apareceu um bloco de esfarrapados. E no meio dele se meteu Maurício. Sua majestosa fantasia precisava mostrar a outros curiosos. Aos turistas, aos grã-finos. Aquele povinho do Ouro Preto não sabia apreciar beleza. Uns invejosos!

E foram ficando para trás os casebres, as ruas enlameadas, os vira-latas.

Tudo se transformava. Olinda ressurgia em todo seu esplendor. Casarões coloniais, igrejas antigas, lojas e restaurantes modernos. O pequeno Maurício crescia. O carroceiro virava príncipe. E se desgarrava do bloco de esfarrapados, da grei sem rumo.

Ouviu sons de música. Parou. Quis ler o letreiro na parede. Chegou à porta. Homens e mulheres bem vestidos, roupas coloridas, sorrisos escancarados. Toalhas de pano cobriam as mesas. Garçons de branco e preto, circunspectos.

Alguns olhos se voltaram para Maurício. Uns de espanto, outros de desdém. Quem seria aquele homem? Mendigo, palhaço, louco?

— Sou o Príncipe Maurício de Nassau!

Não tardou, escorraçaram-no os garçons. Ali ele não cabia. Fosse para junto dos seus. E o empurraram para a rua.

Enfurecido, o folião esperneava e se dizia príncipe.

E logo chegaram soldados, para impor a paz e levar dali o desordeiro.

— Sou o Príncipe...

— Cala a boca, filho da puta!

E mil cacetadas prostraram para sempre o pequeno Maurício.

UM GRANDE HOMEM

Salazar não conseguiu dormir quase nada naquela noite. Levantou-se mais de dez vezes, tentou ler, ligou a televisão. Voltava à cama, olhava para a mulher dormida, imaginava um segundo de safadezas, desistia, metia-se debaixo do lençol. Não, não seria daquela vez que o sono viria. E como conseguiria dormir? Só se fosse um insensível. Mais de dez anos atrás daquela mesa, a dar ordens, organizar o serviço, e, sem qualquer motivo, ser destituído da função. Uma injustiça inominável! E se virava na cama, olhos arregalados, quase cheios de ódio. Se ao menos a mulher acordasse para conversarem! Mas, não, a desgraçada dormia feito uma porca. Nem ligava para sua insônia, suas preocupações, aquela tragédia em sua vida. Uma insensível!

Na sala, releu pela centésima vez a notícia da queda do avião no Pará. Destroços na selva, mais de uma centena de mortos. História sem qualquer emoção. Coisas do cotidiano. Muito pior o que lhe acontecera. Ora, dez anos na direção do departamento e, num piscar de olhos, a destituição. Uma vergonha! Seus antigos subordinados não o chamavam mais de doutor, e riam pelos cantos. Uns calhordas! Fulano, leve este processo ao desembargador. E fulano virava a cara, fazia-se de desentendido. Falou comigo, Salazar? E pensar nos sonhos de seu pai! "Meu filho vai ser um grande homem". Pobre velho! A vida toda a falar em riqueza e poder. "Ou você acha que eu dei esse nome a ele por acaso? Sim, há de ser um grande homem. Talvez um ditador".

A televisão mostrava uma seqüência de assassinatos. O superpolicial metralhava bandidos como a dona-de-casa mata moscas com *spray*. E nada o impressionava. Aquilo parecia filmes de noites passadas. Olhou para o jornal, fez menção de agarrá-lo, mas preferiu desligar a televisão. Exatamente quando uma rajada de tiros estraçalhava a cara de um bandido.

Foi à geladeira e bebeu suco de uva. Os invejosos da repartição não o trataram sequer por senhor. Teve vontade de dar gritos. Exigir respeito. Ora, subalternos deviam chamar chefe de doutor. Pelo menos de senhor. Nada de intimidades. Não, não podia exigir nada. Afinal, não era mais o chefe. Uma vergonha!

Sentou-se na beira da cama, pensou em rezar, olhou de viés para a mulher gorda que roncava, deitou-se bem devagar. Quem seria o seu substituto? Talvez um velhote qualquer, desses de bigodes e óculos bifocais. Nomeado exclusivamente com o propósito de infernizar sua vida. Desmoralizá-lo perante os funcionários. "Salazar, faça isso, faça aquilo". Aos gritos. Como ele fizera durante tanto tempo.

No entanto, o sono chegou. E Salazar se viu pequeno, raquítico, quase anão, a servir café a todos. Especialmente à jovem e terna Rosa, sua substituta na chefia do departamento.

Menino ofendido

Moisés estava morrendo. Lentamente. Coberto de chagas. No mundo inteiro mulheres choravam. Cenas de histeria e desespero. Jornais e televisões exploravam o infausto fim daquele homem tão glorioso.

No ápice de sua glória, Moisés inventou um dos mais fascinantes espetáculos de prazer. Era sua Roma, sua Sodoma. Mistura de motel e cassino. Cinco pavimentos, mais de cem quartos. Uma entrada, com bilheteria. Como nos cinemas e teatros. Galeria de arte, labirintos, saunas, piscinas. Proibida entrada de homens e travestis. Permanência de uma hora, no máximo. Preço do ingresso: dez dólares.

A fortuna de Moisés se fez em pouco mais de três anos, após a fase de modelo e manequim. Considerado um dos homens mais bonitos e atléticos do mundo, nunca se casou. Jamais esteve unido a qualquer mulher.

— Para não atrapalhar os negócios — dizia.

E como teve início aquele império do sexo?

"Comparável a Hollywood", afirmou uma revista.

— Meu primeiro passo foi um pequeno anúncio. Recebia em meu apartamento mulheres carentes de amor. Em troca de alguns dólares.

— Mas isso não era novidade nenhuma, Moisés.

— *Eu* era a novidade. Os outros se vendiam há muito tempo.

Logo depois o modelo alugou uma mansão, contratou meia dúzia de belos rapazes e inaugurou seu primeiro bordel.

— Não convidei o governador, o prefeito, deputados, empresários, homem nenhum.

— Essa gente gostaria de conhecer seus apolos.

— Mas eu nunca gostei dessa gente.

A vaidade, ou outra ilusão, fez Moisés despedir seus pupilos. E ficou só. As clientes não gostaram da idéia. Muitas desapareceram. Fazia-se a seleção da clientela.

— Você também foi ator.

— Sim, de inúmeros filmes. E também diretor. Além disso, editei revistas. As primeiras onde homens posavam nus.

Apesar de toda a dedicação ao trabalho, Moisés viajava muito. Conheceu quase o mundo todo. Dinheiro e fama não lhe faltavam.

— Como surgiu a idéia do Palácio dos Prazeres?

— Tive um sonho. Eu não era um, porém muitos. Como se multiplicado por espelhos. Então arquitetei a casa de cem quartos. Eu poderia estar em todos eles e receber cem mulheres ao mesmo tempo. O verdadeiro harém.

Formavam-se filas diante do portão. Mulheres de todos os tipos. A maioria coberta de xales. Outras usavam óculos escuros. Porém todas dentro de carros de luxo.

Os quartos eram numerados, e muitas mulheres acreditavam serem determinados números propícios a elas. E esperavam horas e horas pela desocupação do quarto número tal. Porém alguns números vinham acompanhados de cores e nomes. Assim, havia o quarto vermelho, o quarto de Lucrécia Bórgia, o quarto azul da orgia divina, etc.

— E a coisa dos sorteios?

— Quem me encontrasse, recebia de volta o dinheiro do ingresso, com direito de participar do próximo sorteio.

— E quem o encontrasse no quarto tinha direito a quê mais?

— A uma hora de prazeres de todos os tipos, sobretudo os sonhados pela cliente.

— E agora, morrendo, coberto de chagas, o quê dizer da vida?

Moisés se pôs a chorar, feito menino ofendido.

Sem fadas

Acordou assustado. Três homens dentro do quarto, a gritar, armas apontadas para ele. Amordaçaram e amarraram sua mulher. As crianças choravam no quarto vizinho. Um dos homens conduzia a mulher para junto dos filhos. Não iria maltratá-los. Ficasse sossegado o doutor Fulgêncio. Aliás, as crianças e a mulher ficariam presas no banheiro.

Por via das dúvidas, algemaram o dono da casa. Que desejavam, afinal? Iriam assassiná-lo? Não, nada de mortes. Doutor Fulgêncio não podia morrer. A sociedade carecia de sua autoridade, sua competência, sua experiência.

Apesar de não ter recebido socos ou pontapés, tudo doía em Fulgêncio. Até seu nome na boca daqueles celerados. Se ao menos se calassem! Doutor Fulgêncio, como sua casa é bonita! Como brilha o chão! Como devem ser caros os móveis!

Sentiam muita fome. Havia comida na cozinha? O doutor delegado podia lhes fazer um favorzinho? Passar uns bifes. Vestisse o avental. E, enquanto cortasse a carne, cantasse uma canção da moda. Qualquer que fosse. Não tinha boa voz? Cantasse assim mesmo. E não esquecesse a cebola. Para abrir mais ainda o apetite, aceitavam um aperitivo. Uísque não fazia mal. Contanto que fosse *scotch*.

A mulher e as crianças choravam baixinho. Coitadinhas, não mereciam aquele sofrimento! Infelizmente, a dor não escolhia suas vítimas. Doutor Fulgêncio conhecia bem a dor. Sobretudo a dos outros, dos presos. Aliás, desligasse a televisão. Poderia chamar a atenção dos vizinhos. Além do mais, preferiam *show* ao vivo. O delegado talvez soubesse fazer imitações. De políticos, cantores, atores. Não, melhor dançar. Como bailarina. Ou como porta-bandeira? Tirasse logo o pijama e vestisse roupas da patroa. Como se chamava mesmo? Verônica? Lindo nome.

O uísque desaparecia lentamente, gota a gota. As crianças talvez já tivessem dormido. Coitadinhas, deitadas no chão frio do banheiro!

Um dos assaltantes parecia cochilar. Quê tal levarem-no para a cama? Sorriu. Queria uma canção de ninar. Ou um conto de fadas. Podia ser o de Ana e os três porquinhos. Se o doutor Fulgêncio ainda se lembrasse dessas coisinhas.

Esquecido de quase tudo, o delegado pediu água. Deram-lhe uísque. Assim, soltaria a língua. Narrasse umas histórias. Nada de mentiras. Só fatos vividos por ele. Especialmente na delegacia. Se nem disso se lembrasse, descrevesse as etapas do uso do pau-de-arara, por exemplo. À medida que teorizasse, os visitantes agiriam. Poriam em prática a teoria do doutor Fulgêncio. Nele mesmo. Explicasse, então, como arrancar unhas.

Carlim

Apesar de muito vivido, Carlim não entendia quase nada do que falavam as pessoas. Nem mesmo porque o chamavam dos mais variados nomes e nunca de Carlim. Aliás, esse nome ele mesmo se deu.

Andava um dia perdido, porém satisfeito, quando parou junto a um muro e sua sombra. Só queria descansar e situar-se. Talvez não estivesse tão longe de casa. Isto é, de seus amigos, da rua onde costumava dormir.

Recostado ao muro, ouviu vozes de crianças. Faziam perguntas a uma mulher. Gritavam, riam, num vozerio babélico. A moça falava do Sacro Império Romano Germânico. De imperadores, reis, príncipes. De Carlos V, Maximiliano, Borgonha, Solimão, etc. Palavreado difícil, nunca antes ouvido.

Curioso, Carlim procurou ver as crianças e a moça. Descobriu uma janela. Primeiro viu a professora. Falava sem parar, explicava, lia. A certa altura, apontando para uma figura do livro, disse: este é Carlos Quinto. Porém viu Carlim e nele fixou o olhar. Mirou-o profundamente. E havia tanta ternura (ou tanta piedade) em seus olhos, que aquele instante Carlim sentiu como sendo o seu batismo. Sentiu-se filho, sentiu ter tido mãe. Pois os olhos da moça lembravam os de outra...

A mãe de Carlim morreu debaixo de um carro. E ninguém parou para socorrê-la ou remover seu pobre corpo a lugar seguro. Carlim ainda tentou arrastá-la para a calçada. Por um triz, não morreu também.

Sim, Carlim não entendia quase nada do que falavam as pessoas. Nem do que faziam. Mesmo os gestos e as palavras mais repetidas. "Fulano não vale nada. É um cachorro". Quando se aproximava de alguém, era enxotado. "Sem-vergonha, vira-lata, cão-sem-dono".

Carlim procurou os amigos. Quem sabia o significado de *cão-sem-dono*? E passaram a conversar mais. Precisavam se unir, lutar por direitos básicos: casa, comida, carinho, etc. Propuseram a criação de uma sociedade. Alguém brincou: Sociedade dos Cães-Sem-Dono.

A reação dos "outros" não tardou. Devem ter visto Carlim na televisão. Nada de casa, comida e carinho para aqueles vagabundos. Nada de nome. Quem vivia na rua era cão-sem-dono. Portanto sujeito a comer lixo, levar pontapé, morrer debaixo dos carros. Além do mais, não havia casa para todos. Se aqueles sarnentos deixassem as ruas, eles, os "outros", estariam perdidos. Adeus casa, comida, carinho, nome...

Pobres de tais rebeldes! Pois muitos foram considerados doidos e, por isso, mortos. Passavam dias e noites a latir, protestar. Cachorros doidos!

Em compensação, Carlim e seus amigos continuaram ao léu, perdidos nas ruas. E a toda hora morre um deles debaixo dos carros. Ontem mesmo foi a vez de Carlim.

A ÚLTIMA GUERRA DE HIROHITO

Japonezinho mirrado, já velho, enrugado, banguela. Vigiava carros num estacionamento. Em troca recebia minguadas moedas. Quando a fome apertava, corria ao vendedor de pastéis. Esmigalhava com os dedos a iguaria e enchia a boca de farelos de carne moída e trigo assado. Pedia caldo de cana e sorria. Os moleques o chamavam de "japa". Ele se zangava, cuspia farelos e pingos de caldo.

Deitado no catre imundo, Hirohito recordava a Grande Guerra. Dores, mortes, destruição. E a fuga para o Brasil. Dormia, cansado, e sonhava horrores. Milhões de pulgas a roê-lo vivo. Baratas e ratos fardados, enormes, violentos. Prendiam-no, arrastavam-no, molestavam-no.

Mal amanhecia, pulava do gramado e, tonto, buscava a aurora. Fechava os olhinhos sujos e enfiava as mãos na água da bacia. A fome de novo. Imaginava pastéis macios. Esquecia os inimigos, a guerra, os insetos. Corria para pegar o ônibus. Precisava chegar cedo ao estacionamento. E disputar com os moleques o direito de receber moedas dos donos dos carros. Moedas e insultos. "Vai trabalhar, vagabundo!"

Um dia lhe disseram que no Japão havia muita riqueza. Indústrias e mais indústrias. Como em nenhum outro país. O povo vivia farto e feliz. Nem parecia aquele povo destruído em 45. Riu. Não acreditou naquilo. E, se fosse verdade, mesmo assim preferia viver no Brasil, onde não havia guerra.

Noutro dia houve tiroteio entre policias e ladrões de carro. O estacionamento virou campo de batalha. Tiros a torto e a direito. Correria e gritaria. Um pandemônio. Assustado, o velho japonês correu. Talvez alcançasse a barraca dos pastéis. Quando aquilo acabasse, mataria a fome. Porém, antes de alcançar refúgio, uma bala se incrustou em seu peito. Atirado ao chão, rolou para debaixo de um

carro. Se sentia dor, não sabia. Na verdade, tudo parecia grandioso aos seus olhos semi-abertos. Aviões devastavam céus. Tanques rolavam sobre os inimigos, que viravam pastéis. As tropas japonesas invadiam ásias e américas. E ele, Hirohito, imperador do Japão, comandava a vitória. O poderoso exército do Império do Sol Nascente. Quando a guerra terminasse, o Japão seria dono do mundo. E ele, Hirohito, o homem mais poderoso da Terra.

E expirou.

Ecce homo sapiens

Aos trinta anos de idade, Giovanni Cristofori já havia publicado três importantes obras: *A vida do homem de Pequim*, *O homem de Piltdown* e *Como surgiram os prossímios*. A seguir, se voltou para o Brasil, e leu Roquete Pinto, Artur Ramos e Gilberto Freyre. Quis conhecer os índios, a Amazônia, Sete Cidades, São Raimundo Nonato, cavernas, sítios arqueológicos, etc. Aconselharam-no a instalar-se no Rio de Janeiro. Poderia escrever *A mulher de Ipanema*. Sociólogos indicaram-lhe Recife, onde encontraria o autor de *Casa Grande e Senzala*. No entanto, aportou em Fortaleza, e, no dia seguinte, rumou até Palma. Apresentou-se às autoridades e falou de seus interesses científicos. O prefeito se mostrou surpreso: desconhecia cavernas nos arredores da cidade. Talvez o italiano encontrasse pequenas grutas, algumas cobras e, no final, a morte.

Giovanni se vestia com simplicidade, trazia barbas longas e falava o tempo todo em *homo erectus*, *homo habilis* e *homo sapiens*. O padre não tirava da boca o nome de Pio XII, e, como querendo ser amável com o visitante, vez por outra recitava o nome do soberano pontífice: Eugenio Pacelli.

Dias e dias metido nos sítios, Giovanni não encontrou nenhuma caverna e muito menos utensílios, ferramentas e crânios da era pré-colombiana. No entanto, não desistia de achar vestígios do *homo sapiens* de Palma. E perdia horas seguidas em discussões com o padre Ponce. O homem-macaco ereto, com mais de quinhentos mil anos... O sacerdote se enfurecia e mostrava ao cientista versos retumbantes, Adão rimando com trovão; Eva, com treva.

Estando um dia num sítio a escavar o chão, viu-se o italiano cercado de soldados. "A quem buscais?" Os policiais empunharam as armas e gritaram: "Buscamos ao herege". E o algemaram.

Conduzido à presença do delegado, o cientista quis saber o motivo de seu aprisionamento. Ora, então não cometia crime quem

invadia propriedade alheia e no seu chão buscava ouro? Giovanni riu. Não, não catava ouro, mas vestígios do *homo sapiens*. A autoridade gargalhou. Existia o homem-sapo? Um dos soldados deu uma bofetada no estrangeiro. "É assim que falas ao tenente?"

Após horas de diálogo, concluiu o delegado não dever conservar preso o italiano. O Código Penal não se referia ao *homo sapiens*. Talvez se tratasse apenas de heresia. E ordenou fosse o réu conduzido à presença do padre Ponce.

Diante da igreja, centenas de católicos gritavam, cantavam e rezavam. Também no interior do templo não cabia mais ninguém. O sacerdote subiu ao púlpito, benzeu-se e abençoou os fiéis: *"Dominus vobiscum"*. A seguir, mudou o tom da voz e perguntou à multidão: "Que acusação fazeis a este homem?" O povo respondeu a uma só voz: "Ele é um herege". O padre desceu da tribuna e se dirigiu a Giovanni: "És tu um herege? Que fizeste?"

O interrogatório se completou com palavras obscuras para a grei cristã: *Homo erectus, errare humanum est, homo habilis, habemus confitentem reum, homo sapiens, sapienti sat*. E o sacerdote se voltou para os fiéis: "Eu não acho nele crime algum". A plebe se enfureceu, ululou e exigiu a punição do cientista. Rendido, o padre Ponce se retirou. E logo apareceu na cabeça do estrangeiro uma coroa de espinhos.

A santa missa, no entanto, precisava ser rezada. Então o sacerdote caminhou até o altar, levou o rosto à taça de vinho e aspirou seu aroma. A seguir, introduziu os dedos no vaso sagrado e repetiu: "Eu não acho nele crime algum. No entanto, eu o entrego a vocês. *Ecce homo*".

A GUERRA DOS BÁRBAROS

Descalça, Tereza esfregava um pé no outro. A barra da saia ora descia até os joelhos, ora subia até o princípio das coxas. A mão direita alisava o pano. As unhas pintadas se confundiam com as bolinhas vermelhas que ornavam o fundo azul do tecido. Pequenina aranha passeava entre uma das pernas da mesa e a parte inferior da tábua. Na parte superior, um livro aberto, e sobre ele a outra mão da moça. "Sujeito é o ser a respeito do qual"(...) Tentou cobrir todas as letras, espalmando a mão sobre o livro. "Sujeito oculto". Olhou para a rua. Um chapéu, uma cabeça, um pescoço apareceram e desapareceram num relance. Tudo brilhava, como se caísse uma chuva de estilhaços do Sol. A menina fechou o livro e abriu um caderno. "Tive um sonho horrível ontem".

O rosto de Ruggero brilhava, suado. E parecia mais bonito assim. Os raios do sol tingiam de amarelo pedaços do chão coberto de folhas secas. Talvez, debaixo delas, cobras preparassem botes. Pisassem com leveza, como se voassem. E por que não voarem? Ruggero já havia voado, num filme. Tereza pouco ia ao cinema. Tudo uma porcaria, no dizer de seu pai. Coitado, as onças já o teriam comido. Seu Joaquim surgiu, então, montado num cavalo. Por onde tinha andado? Ruggero agachava-se, catava mangas no chão e se punha a chupá-las. Muito doces. Joaquim aproximava-se de sua filha e segredava: ele vai morrer envenenado. As mangas encerravam veneno de cobra. O italiano estirava-se no chão, a gritar.

Na parede alguns rabiscos a lápis. Certamente obra dos irmãos de Tereza. Coisa de bárbaros. Há quantos dias os estrangeiros se encontravam na cidade? Se ainda não haviam realizado nada, pelo menos a apatia do povo andava sumida. Uns até exageravam na euforia. Aqui e ali apareciam crianças fantasiadas de índios. Como se fosse carnaval. Muitos, porém, não acreditavam na palavra dos estranhos. Filme coisa nenhuma. No mínimo, espionavam. E deviam ser

russos ou americanos. Falavam italiano e português para engabelar todo mundo.

Tereza riu e brincou com a caneta. Na janela da casa defronte da sua, meio corpo de Dona Gal vasculhava a rua. Talvez houvesse muita gente na praça. Abriu o caderno. "Sentei-me no banco da praça, para descansar ou pensar". Súbito surgiram meninos a gritar. Logo após, os carros dos italianos. Todos sorridentes. Iam para os sítios, o meio da serra. Há dias haviam chegado, em grande alvoroço. Pareciam gente de circo. A meninada até se enganou e alegrou. No entanto, a notícia imediatamente se espalhou. Nada de circo; tratava-se do pessoal do filme. Que filme?

A moça deu um salto. Voou até o quarto, abriu o guarda-roupa, uma gaveta, meteu as mãos entre livros e cadernos. Cantarolava. Fez tudo ao contrário, até sentar-se à mesa de estudos. Abriu o caderno buscado. E foram aparecendo rostos bonitos e famosos: Burt Lancaster, Anthony Quinn, Yul Brynner. Como os achava maravilhosos, embora nunca os tivesse visto em movimento. E Ruggero Vasari? Por que as revistas não estampavam o rosto dele? Passou outras folhas: Brigitte Bardot, Sophia Loren, Claudia Cardinale. Ah! ainda seria atriz. Primeiro iria embora daquela porcaria de cidadezinha. Conheceria astros e estrelas. Sua mãe choraria muito. Seu pai diria "não", esbravejaria e seria capaz de amaldiçoá-la para o resto da vida.

Abandonou o álbum e retornou ao diário. Moscas voaram e novamente pousaram na mesa. "O filme se chamará *A Guerra dos Bárbaros*. Distribuíram folhetos. Precisam de centenas de figurantes. Como se fossem índios de verdade. Basta vestirem tanga e se pintarem de jenipapo e urucu. Muita gente aqui tem mesmo cara de índio. E eu nem imaginava que aqui tivesse vivido índio. Muito menos sabia dessa guerra. Os folhetos trazem informações novas para mim. E, certamente, para quase todos nós. Essa guerra teve início em 1687. Os nativos do Nordeste se levantaram contra os brancos. Por isso nos documentos da época o movimento foi também denominado

"Levante Geral dos Tapuias". Eu não quero ser apenas figurante. Só me interessa papel importante. Ao lado de Ruggero".

Tereza viu de novo Dona Gal à janela. Parecia sorrir. Coçou a coxa. Um homem cumprimentou a mulher e sumiu. A moça abriu o livro: "Sujeito determinado".

Fantasiado de índio, um rapazote chegou à porta, esbaforido. "Menina, chame sua mãe, depressa". Tereza assustou-se. "Seu Joaquim esfaqueou um homem no mercado". A mocinha se levantou: "Mamãe, mamãe". O visitante suava e tremia. "Parece que morreu. Discussão por causa dos estrangeiros, do filme". A mulher chegou coberta de espumas. "O delegado prendeu Seu Joaquim".

Um enxame de moscas levantou vôo, feito um bando de bárbaros.

À BEIRA DO CAIS

A lua bruxuleava nas ondas. Alfonso não parava de fumar, e a luz do cigarro às vezes semelhava outra lua. Figuras de contornos vagos surgiam e desapareciam nas águas. Sereias ou iemanjás. Quando apareceu Maria. Pediu cigarro e propôs beberem. *Besando al marinero que te quiere mármol amante nadador y puro, que por ti rasga el mar y en ti se muere.* Ela riu e gargalhou. Ora, não esperava conhecer naquela noite um estrangeiro.

Há muito tempo Alfonso Ordóñez se dedicava aos irmãos Pinzón. Acreditava em suas descobertas. Sobretudo no descobrimento do Brasil por seus compatriotas.

No bar pediu para sentar-se voltado para o mar, o cais. Ali, no Mucuripe, há 458 anos, Vicente Yáñez Pinzón plantou uma cruz. Maria riu de novo. Ora, tinha um irmão também chamado Vicente. Coitado, havia morrido. Plantaram-lhe uma cruz no lugar onde o mataram. A lua beijava o mar. A melodia das águas embalava os olhos de Alfonso. *¡Rómpete, luna! En diez espejos rota...*

Chegado de Madri há poucos dias, Ordóñez planejava conhecer todo o litoral cearense, Aracati, o cabo *Santa Maria de la Consolación* e, sobretudo, pisar e fotografar a ponta do Mucuripe, o *Rostro Hermoso*, exatamente onde estiveram Vicente Pinzón e Diogo de Lepe. No rádio um locutor driblava a língua com Garrincha, rolava bolas com Mazola, em delírio com Didi, êxtase nos pés de Pelé. No entanto, Maria bebia muito e anunciava o fim da noite. Junto ao bar havia uns quartos, e cama, sossego e banho. Pois, logo mais, José, seu homem, ressurgiria.

Alfonso bebia e falava, o tempo todo, de navegadores de antigamente. Escrevia um li monumental — O Descobrimento do Brasil pelos Espanhói

Bêbados gritavam "Brasil, Brasil". Mulheres pediam bebidas e se enroscavam nas pernas dos homens. Uma delas se pôs a dançar.

Queria música. O jogo havia acabado. O dono do bar pôs um disco na vitrola: "Dolores Sierra vive em Barcelona à beira do cais". Maria falava de dinheiro. Quanto o gringo lhe daria? Pois José não se conformava com ninharias. Chegava a surrá-la, quando ela não conseguia bom dinheiro.

Nas ondas do mar a lua bruxuleava ainda. Alfonso bebia e fumava e falava da cruz plantada por Pinzón. Ali, no Mucuripe, há 458 anos. No entanto, a seleção brasileira de futebol caminhava para a conquista da Copa do Mundo. "Viva o Brasil!".

Maria não queria mais saber de antigüidades, e nem de futebol. Precisava ir logo para o quarto. José não gostava de muita conversa. Gostava dela, sim, porém do seu dinheiro também. Dolores Sierra um dia partiu para conhecer Dom Pedrito, que prometeu e não cumpriu. Aqui e ali ainda estouravam artifícios de fogo. Mulheres pediam bebidas aos homens. Os garçons corriam para lá e para cá. "Brasil, Brasil". Dolores Sierra sorriu para um homem e ganhou a primeira peseta. Alfonso Ordóñez ria, de olho na lua. *Rostro Hermoso. ¿Qué mar hubiera sido capaz de no llorarte?*

E então Maria estremeceu. À porta do bar um vulto se plantou na penumbra, feito uma cruz de horror.

N. A. Os versos em espanhol são de Rafael Alberti, extraídos dos poemas "Narciso", "El arquero y la sirena" e "Platko", todos de *Cal y Canto*.

Todo dia Abelardo seguia os passos de Camilo. Porque quase nunca este se encontrava com Maria no mesmo lugar. Um dia Camilo perguntou se Abelardo gostava de sofrer. Ficou mudo e se afastou do irmão. Não sabia explicar por que necessitava ver, de perto e sempre, aquelas cenas animalescas. Mordia os lábios, arregalava os olhos e estremecia. Talvez devesse apresentar-se no momento do êxtase do casal e interromper aquela sem-vergonhice. Não, não tinha coragem para nada na vida. Um covarde, um medroso. Certa vez não precisou seguir Camilo. No dia anterior ouvira, por três vezes, Maria e o namorado se despedirem assim: "Amanhã na ponte". Saiu de casa antes do irmão. Escondido, viu a moça chegar. As águas do rio corriam lerdamente. Os mosquitos voavam e ziniam. E Camilo não aparecia. Maria olhava para os lados, sentava-se, andava e resmungava: "Amanhã na ponte. Ou amanhã na fonte? Na ponte, na fonte". Olhos arregalados na direção da amada, Abelardo mordia os lábios. Por que Camilo não chegava? Talvez perdido na fonte. E Maria já se preparava para partir. Oh! não partisse. Prometia-lhe mil beijos, carícias de mãos, um abraço imensurável e o amor mais ardente. Porém ela sumiu entre as folhagens, feito uma fada, e ele gemente, os lábios em sangue e o corpo todo em chamas.

Em outro desencontro do casal, porém na fonte do Riacho do Marco, deu-se de Maria não aparecer. O chiado das águas parecia cantar: "espera, amor, já vou, já vou". E Camilo sossegado, assobiando e às vezes rindo. Súbito levantou-se do chão e caminhou em direção aos olhos arregalados de seu irmão. "Por que você me segue todo dia?" O sol já não queimava tanto e os passarinhos voavam ao redor das árvores. "Enquanto você quer sofrer, eu quero me livrar do sofrimento". Abelardo pedia desculpas, perdão. Só faltava ajoelhar aos pés do irmão. "Você ama mesmo Maria? Por que não luta por ela? Eu não a amo, meu irmão. E ela tem piedade de mim. Ninguém me ama. Papai? Meu genitor. Mamãe? Minha genitora. Nunca

me quiseram. Como você é diferente. E você sabe disso. Você é o filhinho predileto deles".

Camilo convidou Abelardo a sentarem-se. E retirou um revólver da cintura. Pretendia matar Maria e, em seguida, se matar. Sua história acabaria ali, naquela fonte. Maria não seria de mais ninguém, sobretudo de Abelardo. No entanto, havia mudado de idéia. Não haveria mais mortes. Ou poderia acontecer apenas uma morte.

Apanhou de novo a arma e girou o tambor cinco vezes, retirando cinco balas. "Você já ouviu falar de roleta-russa?" E propôs: primeiro o irmão, depois ele. Uma tentativa para cada um. Se Abelardo não morresse, ele apontaria a arma para a própria cabeça. E Maria seria do irmão. A entrega dela a Abelardo se daria no dia seguinte àquele, ali mesmo na fonte. Camilo ficaria atrás da moita, enquanto o irmão se apresentaria à moça. Falaria de seu amor por ela e de seu conhecimento dos encontros dela com Camilo. Se ela oferecesse resistência, ele prometeria contar para toda a cidade as sem-vergonhices dos dois. O pai dela a enxotaria de casa e todo homem daria mil réis por uma horinha de cama com ela. Nem Getúlio Vargas a salvaria da desonra. Convencida, Maria se deitaria no capim, e o próprio Abelardo retiraria suas vestes. No melhor momento da cena, Camilo surgiria do mato. E ela não teria mais como voltar para ele.

No horizonte a luz vermelha do sol se misturava ao verde da serra. Os pássaros piavam melodicamente nas árvores. Abelardo mordeu os lábios, fechou os olhos e levou o cano da arma à própria cabeça.

E deu-se um estampido como o de um sol que explode.

Lições de zoologia

Quando a mulher morreu, o homem nem sequer chorou. Cavou um buraco e jogou para ele os restos dela.

Há anos não se toleravam mais. Não se chamavam mais pelos nomes. Tratavam-se como inimigos. "Peste ruim, já fizeste as compras?" Sem mostrar aborrecimento, ele respondia: "Ainda não, traste".

Em busca de sossego, o animal comprou um cachorrinho. Parecia uma bola de lã. Deu-lhe um nome: Ball. Irritada, a coisa maltratava o bichinho com palavrões e pontapés. Se ao menos morassem numa casa! Ora, apartamento não era lugar onde se criasse cachorro.

Afeiçoado a Ball, o diabo decidiu mudarem-se para uma casa. Dias depois o cãozinho amanheceu morto. A desgraçada ria à toa. "Foi você, megera? Pois vou comprar um cão enorme, um Cérbero. Já ouviu falar no cão que guarda a porta do inferno? Pois vai ser ele o nosso cão de guarda".

Às voltas com os latidos ensurdecedores, aqueles dentes enormes, a fome infinita daquele mastodonte, os excrementos montanhosos, madame rabuja não parava de reclamar e de descobrir novos nomes para o seu marido. Ainda terminariam despedaçados pela fera. No meio da noite, indefesos, rasgados em mil pedaços. Se ao menos morassem numa fazenda, num sítio, no meio do mato!

Enfastiado da cidade, o senhor tinhoso comprou uma fazendinha e para ela conduziu Cérbero. Dias depois o cão do inferno apareceu morto. E a fidaputa ria como nunca. "Foi você, peçonhenta? Pois vou arranjar um lobo, um lobo-mau. E sabe quem vai ser a vovozinha?"

Assustado com os gritos da velhaca, o pobre lobo mal podia pensar em chapeuzinho-vermelho. Assim mesmo, não durou muito. "Foi você, mulher-macho? Pois fique sabendo que agora eu vou criar uma onça".

O pequeno felino mais parecia uma gatinha de pelúcia. Dona pelanca, no entanto, jurava-lhe morte a toda hora.

Passados meses, Puma já devorava pintos e patinhos. A seguir deixou de lado a pedofilia e se voltou para as galinhas. Teve desenvolvimento rápido. Das galinhas passou às cabras e destas, às vacas. "Isso é um monstro, jaguar de duas patas". O homem sorria. Mais dia, menos dia, Puma devoraria a mulher.

UM SONHO CARTESIANO

O capítulo mais soberbo de "Sonhos Ilustres", de Domenico Moravia, talvez seja aquele dedicado ao filósofo Descartes.

O autor nem sempre informa onde teria colhido o material para a elaboração de sua interessante e volumosa obra. Porém são os livros de memória a fonte principal de sua pesquisa. Não no caso de René Descartes.

Estranhamente, Moravia duvida da autenticidade do sonho cartesiano inserido e analisado em seu livro. Teria sido produto dos dons de ficcionista do pensador francês.

Para reforçar sua tese, o escritor noticia a existência de um romance deixado por Descartes. Inacabado embora, teria a mesma importância do "Dom Quixote". Um exagero, certamente.

O livro de Moravia tem causado muita discussão. Chamam-no até de embusteiro, apesar da grandeza de "Sonhos Ilustres".

Na verdade, é crença generalizada que o polêmico italiano inventou o tal sonho de Descartes. Se não, subtraiu a "história" das mãos de outro "embusteiro".

Porém a história da "criação" do sonho deixa de ter qualquer importância diante dele mesmo.

Resumidamente, é ele assim:

Descartes e outra pessoa conversavam. Ele falava, ela ouvia. Um aposento cheio de luzes e brilhos. Parecia um salão de palácio.

Quando a outra pessoa falou, o filósofo compreendeu finalmente tudo: conversava com a jovem rainha Cristina. A filha de Gustavo Adolfo, o falecido rei da Suécia.

Além deles, não havia mais ninguém no salão. A não ser as quase vivas figuras dos quadros colados às paredes. Maravilhas de Botticelli, Rembrandt, Rubens e outros.

Recordava Descartes episódios de sua infância. A casa onde nascera, os pais, Touraine. Sim, apesar de conhecer quase toda Europa, não conseguia esquecer Touraine.

A rainha ria. Seu riso, porém, era de deboche. Ora, Descartes só podia estar fantasiando. Deixasse daquilo. Mentir não ficava bem para um filósofo. Ela sabia perfeitamente nunca ter ele deixado a França. Nem Touraine.

Nesse ponto da narração, Domenico Moravia discorre sobre a Suécia dos séculos passados, esboça um retrato político e intelectual de Cristina e se refere à amizade dela com Descartes.

No sonho, o francês, aborrecido, punha-se a passear pelo salão. As palavras reais o feriam e contrariavam. Devia ou não devia reafirmar que conhecia quase toda Europa? Talvez fosse mais cauteloso mudar de assunto. Sim, a rainha merecia seu respeito, sua amizade.

Acalmado, voltava ao sofá. Aquelas luzes o enfadavam. E a outra pessoa por que se calara? Buscava-a com os olhos. A pessoa continuava no mesmo lugar. Olhava com atenção para ela. Tratava-se, então, de Richelieu.

Explica Moravia não ter havido a transformação de uma personagem em outra. Igualmente não teria ocorrido a substituição física da rainha pelo cardeal. Na verdade, é como se Descartes estivesse sempre a conversar com Richelieu.

De fato, a conversa continuava a mesma de antes. Reatava-se. O outro reafirmava nunca ter Descartes saído de Touraine. E ia mais além: vivera até aquele dia preso na casa de seus pais.

Para não dizer grosserias, o filósofo se punha a andar pelo salão. Talvez Botticelli o acalmasse. Ora, lembrava-se muito bem das longas viagens pela Europa. Não podia esquecer os anos de estudos no colégio de La Flèche.

Como se ouvisse seus pensamentos, Richelieu o chamava de mentiroso. Jamais estudara com os jesuítas. Tudo invencionice. Além do mais, não sabia nada. Um falso pensador.

Disposto a mudar a opinião de seu interlocutor, René Descartes voltava ao sofá. E dava com a presença de Galileu. E era como se estivesse desde o início do sonho a conversar com este. No entanto, nem parecia o amigo de antes. Como ousava duvidar de sua sabedoria? Toda Europa já conhecia suas obras. Ou não lera ainda nada de sua autoria? Buscaria os livros.

Galileu ria, debochava de René. Não acreditava numa só palavra dele. Nunca escrevera nada. Nem sequer cartinhas familiares.

Enfurecido, Descartes corria a uma estante, arrebatava alguns livros e os jogava aos pés do outro. Eram tratados de sua autoria, escritos e publicados em latim.

Ria novamente Galileu. Aqueles livros não traziam nenhuma letra. Tudo em branco. Simples papéis.

Do meio do salão, Descartes fitava Francis Bacon, e não mais Galileu Galilei.

Como das outras vezes, não percebera qualquer transformação dos personagens. Nem também a substituição de um por outro. Como se estivesse durante todo o sonho a dialogar com Bacon.

Olhos fitos no inglês, René Descartes batia no peito e dizia ser um grande filósofo. Além das obras monumentais já escritas, pretendia escrever outras. Uma delas sobre a alma.

Discursava, a passear pelo salão. De vez em quando olhava, ufano, para o outro. O mundo inteiro ainda dependeria de suas idéias.

Falava, quase aos gritos.

Em dado momento, porém, o outro também gritou. Descartes assustou-se, parou no meio do salão. Olhou. O rei Gustavo Adolfo parecia enfurecido.

Segundo Domenico Moravia, também neste momento Descartes não percebeu qualquer transformação ou substituição de personagem. Como se, desde a rainha Cristina, estivesse a falar com Gustavo Adolfo.

Ordenava o rei silêncio. Nenhum homem, por mais filósofo

que fosse, poderia jactar-se de sabedoria.

René Descartes talvez nem homem fosse. Ou não passasse de uma figura, como as de Botticelli.

Calado e parado diante do rei, o filósofo ouvia insultos. Talvez Descartes nem existisse.

Enquanto Gustavo falava, ele tentava olhar para as luzes, os quadros colados às paredes. Porém não conseguia mover-se, sequer dar um passo.

Tentava falar, mas sua língua parecia presa aos dentes.

E pensar?

Nem isso conseguia mais.

A IDÉIA DE MATAR PILATOS

Jesus Cristo havia sido crucificado e sepultado. A paz reinava, afinal, em Jerusalém. Falava-se, porém, no desaparecimento do cadáver. Os mais fanáticos acreditavam em ressurreição.

Entre inquieto e feliz, Pôncio Pilatos decidia ir a Roma. Transmitiria pessoalmente as novidades a Tibério, o imperador.

E montava seu fogoso cavalo.

Dias e dias de viagem, por desertos, montanhas, penhascais.

Passavam-se meses, anos. E nada de chegar a Roma. Para trás a solidão dos caminhos. Para todos os lados uma só desolação.

Cansado, descia do cavalo e recostava-se ao tronco de uma árvore. Quanto tempo já durava aquela jornada? Cem anos? Mil anos? Melhor voltar. Mas para onde? E para quê?

Remontava e tomava o caminho de volta. Não importava para onde. Aos poucos recobraria a memória.

E tal acontecia. Cada passo do cavalo significava a volta de um instante passado. O tempo se repetia, voltava.

Sucediam-se dias, meses, anos. E o cavaleiro chegava a Jerusalém. Falavam no desaparecimento do cadáver de Cristo.

Inquieto, Pôncio descia do cavalo e se punha a andar pela cidade. Decorriam horas, dias. Chegava ao Calvário. Crucificavam mais um homem. Olhava com atenção para o desgraçado. Lia palavras escritas numa tabuleta: "Este é Jesus, o rei dos judeus". E mandava soltarem Cristo da cruz. Arrancassem do chão a cruz, retirassem os pregos do corpo do moribundo.

— Não, eu quero morrer — gemia o judeu.

— Cumpram minhas ordens — gritava Pôncio Pilatos.

— O destino não pode ser mudado. Se eu não morrer agora, crucificado, minha história será outra.

Obedientes, os guardas arrancavam do chão a cruz, deitavam-na e retiravam os pregos que prendiam Jesus ao madeiro.

Livre, Cristo se punha de pé.

— Você me condenou à morte; cumpra sua palavra.

— Mas mudei de idéia e quero que você viva muito e morra de velhice.

A discussão se tornava áspera. Insultavam-se em latim, grego e hebraico.

Súbito o ex-morto se apoderava da espada de um soldado e investia contra a autoridade romana.

Prestes a ser atingido, Pôncio Pilatos deu um grito e acordou.

A DIVISÃO DO MUNDO

Na latrina, Carlos Magno cismava. Conquistar mais terras, expandir o reino, o *Regnum Francorum*, tornar-se Imperador do Ocidente. No entanto, aquela dor não passava. Maldita comida! Mandaria matar todas as cozinheiras do palácio.

Sim, um novo Império Romano, milhares e milhares de soldados e súditos, terras e mais terras para pilhar, pisar e legar aos filhos.

A dor tornou-se mais intensa. Gemer, a sós, não lhe tiraria o cetro, o título de *Rex Francorum et Langobardorum*. Mesmo assim, nunca mais comeria tanto. Já não era tão moço.

Uma dor maior sacudiu o rei francês. Evacuou mais. Olhou para baixo. A dor passava. O reino seria expandido, sim. Muitas terras, o mundo inteiro a seus pés. E tudo deixaria para os filhos. Um pedaço para Luís, outro para Pepino, terceira parte para Carlos.

Livre das dores, Carlos Magno lavou-se, vestiu-se e deixou a latrina.

Numa sala, os três meninos brincavam de dividir o reino. Rasgavam um *mappa mundi*, e riam como nunca.

O rei olhou para eles. Por que haviam feito tudo antes dele?

Pepino olhou para Luís, Carlos para Pepino, Luís para Carlos. Não, não tinham feito nada ainda.

E correram para a latrina.

O mundo ficou dividido no meio da sala.

DESASTRE SOBRE O LABIRINTO DE CRETA

Chamava-se Ícaro. Belo rapaz, apaixonado por aventuras perigosas. Sobretudo aéreas. E quantas quedas, quantas decepções! Desde muito criança experimentava os mais variados vôos. De cima de muros, de galhos de árvores. Sempre incentivado pelo pai. Um sujeito meio louco chamado Dédalo.

— Engraçado, pai, eu sempre pensei que o senhor fosse grego.

Dédalo dizia gostar de boas mentiras. Com isso sempre alcançava seus objetivos. Assim conquistara sua mulher, dizendo-se engenheiro.

— Mas o senhor construiu o labirinto, não foi?

Dédalo ria, gargalhava. Não, nunca construíra nada. Mais uma mentira fabulosa de sua vida.

Ícaro também ria. Enquanto se preparava para mais uma aventura. Iria voar pelos céus.

Ajudado pelo pai, amarrava a si umas enormes asas. Voaria até perto do sol.

— Pode ir, meu filho.

E ele decolava. Partia lentamente, a poucos metros do chão. Batia as asas, subia mais, impunha-se velocidade. Olhava para baixo. O pai se reduzia a quase nada, assim como as casas, as árvores, a própria Terra. Avistava estrelas, que cresciam a cada instante. Um prodígio voar, andar pelo espaço, pleno de liberdade!

Ria, quando avistou um objeto vindo em sua direção. Um meteoro? Um disco voador? Um pássaro? E se o atingisse?

O objeto voava célere contra ele. Um pequeno avião. Aguçou a vista. Havia um homem no aparelho. Podia ver, com nitidez, uma inscrição na parte externa do avião: 14-Bis. E as feições do homem: Alberto Santos Dumont.

Acontecia então o choque. E suas asas se espatifavam. Tonto, caía velozmente.

Num átimo, chocava-se contra o chão, feito uma fruta caída do galho. Em pleno labirinto de Creta.

Estirado na cama, olhos grudados no teto, Santos Dumont gritava.

As infinitas pernas de Wellington

Era anão. Sujeitinho do tamanho de um dedo de homem comum. E comandava milhares de outros seres feitos à sua imagem e semelhança. Valentes soldados.

Sempre vitorioso, esse general de alguns centímetros tinha mania de grandeza. Sonhava conquistar o mundo. Tornar-se o rei da Terra.

Porém chegou o dia de enfrentar um exército de gigantes. Homens enormes, do tamanho dos comuns. E o general anão se pôs a pensar? Que estratégia havia de usar contra os tais gigantes? Fez cálculos, desenhou figuras, anotou nomes e números.

Ao cabo de mil planos mirabolantes, decidiu-se pelo mais ousado: avançar e chegar ao inimigo.

Muitos de seus soldados seriam esmagados pelas botas contrárias. Feito formigas. Em compensação, milhares se salvariam. E escalariam o couro dos calçados. Atingiriam a perna, todo o corpo. Com as baionetas envenenadas, picariam a pele goliarda.

Estratégia de gênio!

Dada a ordem de atacar, o infinitesimal exército avançou. À frente marchou o genial estrategista.

De longe ainda pôde avistar a cara do comandante inimigo. Porém, à medida que avançavam um para o outro, ia deixando de ver partes do corpo gigante. Até enxergar apenas uma enorme bota.

Preocupado com o próprio destino, não teve a oportunidade de constatar a realização integral de seu plano. Milhares de anões esmagados pelas botas gigantes. E outros milhares agarrados ao couro dos calçados.

Ao atingir o topo da bota inimiga, o general anão escorregou. Por sorte caiu para dentro do calçado. Refez-se do susto, agarrou-se aos pêlos da nobre perna. E dela não mais se afastou.

À altura do joelho, pensou dar a primeira alfinetada. Sentia muito calor e cansaço. Urgia pôr termo àquilo. Não, necessitava atingir a cabeça do homem. Daria apenas uma picada mortal.

E subiu mais e mais.

Alcançada a metade da coxa, ouviu um fragor, seguido de insuportável odor. Apavorado, ainda tentou levar as mãos ao nariz. E escorregou pela segunda vez.

Caía, caía, uma queda eterna. Como se as pernas do duque de Wellington fossem infinitas.

E Napoleão Bonaparte acordou, tentando agarrar-se a nada.

Um coveiro monstruoso

Montado num cavalo recém-domado, Átila percorria a vista pelos prados da Panônia. O animal trotava, cheio de garbo, como se quisesse dizer ao homem que também tinha dignidade.

Satisfeito com o procedimento do cavalo, Átila pôs-se a falar, carinhosamente. Dar-lhe-ia um belo nome. Que tal Huno? Não, arranjaria um nome próprio dos melhores animais. Leão, por exemplo. Sim, Leão.

O animal relinchou, como se risse, gostasse da fala do homem.

Átila prometeu outras cortesias ao cavalo. Invadiria Roma, montado nele. Destruiria o Império Romano. E lhe daria até um cognome: Leão, o Cavalo. Para distingui-lo do Papa Leão, o Grande.

De novo o animal relinchou, agora de maneira esquisita, e deu pulos, como se tivesse gostado das últimas palavras do rei.

Para sossegá-lo, Átila comprometeu-se a nomeá-lo papa. O rei do mundo cavalgaria o papa-cavalo.

Leão desembestou e livrou-se, de vez, da carga. Machucado, furioso, Átila sacou a espada e investiu o cavalo. Ia ensinar como uma animal devia tratar um rei.

Ameaçado, o cavalo ergueu as patas dianteiras e, gigantesco, atacou o pequeno homem. E relinchava e arreganhava os dentes.

Átila recuava, praguejava, desequilibrava-se. E terminou caindo num buraco.

Leão chegou à beira da cova, olhou para o homem caído e pôs-se a escavar o chão. Sim, ia jogar terra sobre Átila, enterrá-lo vivo.

Desesperado, o rei dos hunos gritava, se debatia, tentava escalar as paredes da cova. E mais terra sobre ele caía. O cavalo ria, gargalhava, feito um coveiro monstruoso. Átila, porém, salvou-se no último instante. Sacudiram-no e ele acordou.

A FOME DE MALTHUS

Há três dias o reverendo Thomas Malthus não se alimentava. E pouco dormia. Precisava fazer a revisão final de seu livro. Não queria um só erro tipográfico. Nada de gralhas.

Morto de cansaço, sono e fome, adormeceu sobre o impresso. E teve um sonho horrível.

Acordava, faminto, e gritava pela criada. Preparasse urgentemente um farto almoço. A criada, porém, não pareceu ouvi-lo. Irritado, Thomas correu à cozinha. E encontrou o corpo estendido no chão. Fedia. Talvez tivesse morrido de preguiça.

Cada vez mais esfomeado, o economista vasculhou toda a casa à cata de alimento. Nem um só grão de arroz.

Desalentado, Thomas resolveu sair de casa. Iria a um restaurante. Porém teve um grande susto ao abrir a porta. Dezenas de cadáveres estirados ao longo da rua. E moribundos retorcendo-se de dor.

Que peste seria aquela?

O reverendo aproximou-se de um homem que lambia o chão. Dissesse apenas o nome da peste. E o semimorto disse: fome. Não havia mais alimentos em Londres.

Feito um doido, Thomas corria as ruas. Só cadáveres e moribundos. E notícias alarmantes. Em toda Inglaterra não havia mais um único bife. Tudo podre. Como os homens, também ao animais morriam. Nem insetos restavam. Todos haviam sido devorados.

Súbito o economista avistou um belo e enorme rato. Urgia pegá-lo. Daria um suculento bife.

Malthus preparava-se para o bote fatal. Pegaria o bicho pelo rabo. E saltou. O rato, no entanto, não se deixou capturar e fugiu. Não correu muito, porém. À sua frente apareceu um gato encantador, de belos olhos verdes.

A princípio, o economista se desesperou. Seu bife ia virar banquete de gato. Depois se alegrou. Rato no almoço, gato na janta. E armou-se para o duplo ataque.

No último ato do sonho, o gato se transformava em Napoleão Bonaparte. E o rato num *lord* qualquer. Os franceses haviam, finalmente, invadido a Inglaterra.

Thomas acordou aos gritos, suado, apavorado. A criada lia sua teoria da crise mundial de alimentos. E ria.

BICHO AMARRADO PARA MORRER

Prisioneiro dos tupinambás, Hans aguardava cristãmente a morte. Lembrava-se perfeitamente de tudo, desde sua captura, naquela fatídica manhã de 1554. A chegada à aldeia, a recepção, a festa. Mulheres e crianças o esbofetearam. Cortaram-lhe sobrancelhas e barba. E o amarraram pelo pescoço, como se fosse bicho. Sentira-se espiritualmente aniquilado. Reles vivente. À espera do golpe mortal. Para depois ser esquartejado, assado e comido pelos canibais.

No entanto, logo lhe trouxeram alimentos e, mais tarde, uma jovem índia. Comesse e engordasse. E fizesse da indiazinha sua mulher.

O alemão se recusava a comer aquelas porcarias e não queria a companhia da fêmea. Arrependia-se da viagem ao Brasil. Antes tivesse ido à Índia. Ou estacionado em Lisboa. E chorava, tremia de terror, rezava. Pois vira muitas cabeças de gente espetadas. De homens devorados por seus carcereiros.

Que Deus o livrasse daquela tortura, de tão terrível destino. Não podia escapar à morte, bem sabia, pois mortal nascera. Porém queria morrer em sua terra, junto a seus parentes e de morte natural.

Deitado na rede, Hans pedia o socorro divino. Só o Pai Eterno o salvaria.

Súbito ouviu um farfalhar de ventos e se pôs atento. Talvez uma tempestade. Depois um clarão, como de relâmpago. Olhou para o céu. Nuvens brancas passavam. Soergueu-se e, com grande espanto, viu um vulto descer ao chão. Um velho de longas barbas alvadias e imaculadas vestes.

— Eu sou o Salvador a quem chamaste, meu filho.

Maravilhado, Hans sorria, olhos fitos no ancião.

— Vim para te salvar.

E o Onipotente alisava os cabelos sujos do europeu. Ninguém o mataria. Num minuto estariam na Alemanha. Todo o Atlântico não media um passo.

Tanto barulho só podia ter despertado a indiada. E logo uma dezena de selvagens invadiu a cabana onde o pobre Hans dormia. Quem era o velho?

— Ele é deus, ó brutos!

E o alemão, rindo, se dizia salvo. Fossem os bárbaros matar e comer animais. Nunca o matariam. Seu deus viera salvá-lo. Brevemente estaria do outro lado do mundo. Onde imperavam a lei de Deus, a Justiça, a Civilização. Ficassem com o Diabo e a Barbárie.

Os índios, porém, não deram ouvidos a Hans. Agarraram o velho de barbas brancas e o amarraram com cordas. Agora havia dois escravos e a comilança seria farta. Fariam uma festa espetacular.

Não tardou, foram os dois conduzidos ao centro da aldeia, onde toda a tribo cantava e dançava.

Estupefato, o europeu não reagia. E se deixava conduzir ao holocausto. Não passava mesmo de bicho amarrado para morrer. Ele e seu Deus. Repetição da história de Jesus.

Só restava esperar o desfecho de sua pobre vida. Um golpe de clava na nuca, os miolos saltando longe, o esquartejamento, a fogueira. Depois as bocas famintas em suas carnes.

E o velhinho? Nada faria para livrá-lo do suplício? Pois também lhe cortavam a barba e riam estrepitosamente.

Não, não aguardaria passivamente a morte. Não custava nada tentar uma fuga. Afinal, até Deus o abandonara. Mas coitado do velho, também condenado à morte! E tentava escapar, embora amarrado pelo pescoço. Os selvagens, porém, o perseguiam e pegavam.

— És nosso bicho, como nosso bicho é o teu velhinho.

E se preparavam para o sacrifício. Bebiam, pintavam os prisioneiros, cantavam e dançavam. Um dos homens segurava a clava com que iria matar Hans e o ancião.

Nesse momento Hans Staden acordou, aos berros.

Bicho asqueroso

Três dias antes de morrer, Euclides Azevedo leu uma biografia de Arnaldo de Bréscia. Pouco mais de cinqüenta páginas. O livrete fazia parte de uma coleção. O primeiro volume biografava Frederico Barba-Roxa. Os volumes seguintes eram dedicados a Carlos Martel, Carlos Magno, Henrique IV, Ricardo Coração de Leão e outros monarcas.

Desde adolescente, Euclides sentia imenso prazer em ler biografias. Sobretudo as vidas de personalidades da Idade Média. Como sempre fazia, rabiscou, à margem das páginas, algumas observações. Uma delas diz: "Queimar um homem é crime hediondo. Mais hediondo é queimar mulheres. E crianças. E poetas".

Euclides pretendia escrever um romance de Joana d'Arc. Não um romance histórico, mas psicológico-político. Seria seu primeiro romance. Anos e anos de leituras e anotações. Vários cadernos repletos de inquisições, atrocidades, fogueiras.

O último capítulo da biografia de Arnaldo de Bréscia é o mais grifado por Euclides. Intitula-se "Preso, estrangulado e queimado". É a narração minuciosa do fim do grande inimigo do Papa Eugênio III. Capítulo assombroso. Um retrato da mais terrível das mortes. Euclides parecia sentir a proximidade da própria morte. Como se ela fosse um bicho asqueroso.

Conselho de Luís XVIII

Durante muito tempo Carlos Prado se considerou desenhista de primeira grandeza. Também muita gente o considerava assim.

Desde menino garatujava, desenhava, pintava. Criança–prodígio, diziam seus pais e parentes. Seria um Michelangelo. Pena ser brasileiro.

Fez-se homem. E, para sorte sua, chegou ao Brasil a Missão Artística Francesa. Com ela, Charles Pradier. Correu ao encontro do artista famoso. Conheceu-o. Viu seus desenhos brasileiros. Sobretudo os de D. João VI. Tudo lhe parecia magnífico. A corte portuguesa parecia a francesa. *Magnifique!* Elogiava todos os quadros do visitante. Sempre em francês. *"Ah! que vous êtes génial!"* E não largou mais o francês. Até decorou frases inteiras de Chateaubriand: *"Une heure après le coucher du soleil, la lune se montra au-dessus des arbres à l'horizon opposé"*. E também de Ronsard, Rabelais, Corneille, Racine, Molière, la Fontaine, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Diderot, e muitos outros. Quase morreu de tanto ler. Quase trocou o desenho pela literatura. E se se tornasse poeta? Sim, por que não escrever versos? Em francês, naturalmente. Tentou. Quis imitar André Chénier. Desistiu logo. Seu destino era mesmo o desenho.

A seguir, viajou à Europa. No rastro do suíço. Ah se pudesse hospedar-se na casa dele! Porém Charles nem deu ouvidos a Carlos. De qualquer modo, encontrava-se no Velho Mundo. No melhor dos mundos. Logo ficaria célebre e rico. Seu nome na boca dos reis. E, se tudo se desse como imaginava, logo arranjaria uma francesinha. Casaria na Sainte-Chapelle, na St.-Germain-l'Auxerrois, na Notre-Dame. Se tivesse mais sorte, com uma princesa. E nunca mais veria o Brasil, terra de índios e negros. Sim, nada de morrer no Brasil, obscuro e pobre. Queria seu lugar na galeria dos grandes pintores. Precisava retratar reis, rainhas, princesas. Seria famoso. Mais que Pradier e Debret.

Em Paris conheceu outros pintores e desenhistas. E também condes e condessas, duques e duquesas. O melhor da corte de Luís XVIII. Já falava francês como qualquer parisiense. E até pensou mudar de nome: Charles Pré. Aconselharam-no a mudar de idéia. O nome não agradava.

Na verdade, Carlos Prado queria mesmo conhecer Luís XVIII. E retratá-lo. Houve espanto. O rei nem sequer o receberia. Ele insistia, insistia. Procurava condes, cardeais, madames. Uns riam, outros não o viam. Talvez fosse maluco. Enfim lhe trouxeram a resposta do monarca. Resposta ingrata e desairosa: A França não precisava de desenhistas brasileiros. Fosse desenhar o rei do Brasil. Se é que lá havia rei. Ou se é que o Brasil existia mesmo.

Desiludido, ou mais iludido ainda, voltou à Pátria. E procurou seguir o conselho de Luís XVIII. Depois de muitas idas e vindas, conseguiu ver o rei. Extasiou-se. Finalmente diante de um rei. Embora brasileiro e português. Nesse dia adoeceu, teve insônia, embriagou-se. Tudo em vão. Pois o retrato que fez do rei quase o levou à prisão. D. João indignou-se. Aquilo não era arte. Aquela garatuja não valia nada. Um desaforo! Rei com cara de plebeu. Não, não parecia um rei. Aliás, aquilo não era retrato. Aquele idiota não desenhava nada.

Espumas e estrelas

O físico Alexandre Neves viveu seus últimos dias num manicômio. Completamente abandonado pelos familiares e ex-colegas.

Alexandre fez-se famoso a partir de 1961, quando conheceu Hannes Alfven e se dedicou ao estudo das teorias do futuro Nobel. Logo passou a publicar artigos e ensaios, na revista "Física", onde demonstrava erros científicos nas teorias do físico sueco.

Seu mais polêmico ensaio é *Nova cosmogonia do sistema solar*. Para alguns cientistas, não passa de "um amontoado de baboseiras". Outros, porém, vêem neste e nos demais estudos de Alexandre os germes da física do século XXI. Jornais e revistas publicaram declarações de uns e outros. Para logo desmentirem tudo. Os jornalistas simplesmente haviam distorcido suas palavras. O Doutor Cícero Plasmático chegou a brincar: nunca falaria ou escreveria a palavra "baboseira". Muito menos "baba". Preferia espuma, escuma, espumar, escumar. E cuspia latim: *spumas agere in ora*.

Alexandre Neves seria a grande vítima moderna da ditadura dos cientistas. Sua loucura teria sido produzida ou mesmo inventada. Seus escritos subvertiam a ordem. Não a da Terra ou a das estrelas. Porém uma ordem menor, a dos homens, ou a de um punhado deles — os físicos.

Recentemente uma pesquisadora descobriu um manuscrito, de provável autoria de Alexandre. Intitula-se "Hannes Alfven: a grande mentira". Porém herdeiros do físico brasileiro disseram desconhecer o caderno. Apresentado à imprensa, negaram a existência de obras inéditas deixadas pelo "doido".

Quem, então, escreveu o polêmico livro? Talvez Prokofiev — brincou um dos filhos de Alexandre, o pianista Sérgio Neves. E referia-se a Serguei Prokofiev, o compositor.

O citado Doutor Cícero, convidado a opinar, mais uma vez gracejou: Aleksandr Prokofiev nunca existiu. Pelo menos no "meio físico". E, se existiu, não passou de invencionice de Alexandre Neves. Pois uma das afirmações mais bombásticas da obra diz serem as "ondas de Alfven" descoberta de Aleksandr Prokofiev, em 1936, e, assim, deveriam denominar-se "ondas de Prokofiev".

Belo céu, vero céu

Enquanto vasculhava o céu com sua luneta, Gilbert Seurat sonhava com a Terra. Queria conhecer o mundo, viajar pelo planeta. A Europa já lhe parecia a própria casa. Amigos o aconselhavam a se radicar na Alemanha. Falavam de Effelsberg. Porém Gilbert guardava rancor aos alemães. Seu pai havia morrido em combate aos nazistas. "Coisas do passado", justificavam. Fosse, então, para os Estados Unidos, se não preferisse a União Soviética ou a China. "O observatório de Fred Whipple...". Não, nada de comunismos, ideologias, guerras nas estrelas. Queria apenas descobrir outro planeta. E entrar para a História da Astronomia. Por que não chegar ao "teto do mundo" e de lá, com sua luneta, avistar de mais perto a explosão do Universo?

Falaram-lhe de um brasileiro chamado Rubens de Azevedo. Onde ficaria o Brasil? A leste de Plutão, ao sul de Cayenne. Pegou a luneta, levou-a ao olho e sonhou. "É um estudioso da Lua", leu numa revista.

Partiu de Paris num dia de tempestade. Chegou a Fortaleza numa "tarde belíssima", como escreveu a um amigo. *"Beau ciel, vrai ciel, regarde-moi qui change!"*

Apresentou-se ao colega cearense como amador de astronomia. E deu-lhe de presente uma réplica da luneta predileta de Johannes Kepler.

Conversaram durante mil noites e dias. Seraut leu tudo o que lhe apresentou Rubens. Aprendeu logo a língua de Alencar e a fala do Ceará.

Num dia de tempestade viajou de volta a Paris. Levava na bagagem alguns novos astros. E diversos estudos sobre a origem da Lua.

Por culpa de Anouilh

Três dias antes de morrer, Jean Anouilh recebeu a visita de Jorge Menezes. Testemunhas oculares referiram-se a um grande susto do dramaturgo. Jorge apresentou-se em trajes de coveiro. E, pior, leu trechos de seu drama (ou dramalhão, como diziam alguns críticos) "Covas, o democrata do Inferno".

Falaram em mau agouro. Inimigos do dramatista afirmaram ser ele responsável pela morte de muita gente. Sobretudo de colegas de arte. Assim, ficaria só no cenário do teatro brasileiro. Teria pauta com o Diabo. Ou poderes maléficos. Um bruxo, enfim.

Jorge Menezes dizia ter nascido em Oeiras, Piauí. E disso se vangloriava. Ser oeirense causava-lhe orgulho. Muito mais do que ser piauiense e brasileiro. Falava sempre da antiga capital do Piauí. E chegou a escrever o drama "Major Fidié", onde narra batalhas travadas entre portugueses e brasileiros durante as lutas pela Independência. Cenário: Oeiras.

A primeira mulher de Menezes dizia, no entanto, ser ele natural do Rio de Janeiro. O pai português de Trancoso. A mãe brasileira e mulata. Mais de dez irmãos, todos pobres.

Começou motorista de madame de Ipanema, fez-se amigo de jornalistas e boêmios, formou-se em Comunicação Social e decidiu ser dramaturgo. Não perdia uma só encenação de Nelson Rodrigues.

É desse tempo a obsessão por fantasias. Vez por outra aparecia vestido de padre, palhaço, mordomo, coveiro... Dizia estar vindo do teatro. Sim, além de escrever dramas, representava.

Ligado ao Partido Comunista e amigo de diplomatas de direita, em 1986 Menezes viajou à Europa. Não gastou um centavo. Hospedou-se em hotéis cinco estrelas, jantou nos melhores restaurantes. E ainda namorou beldades do cinema. Diz ser pai de um dos filhos de certa Sandrine Deneuve. E que Alain Resnais se interessou muito por seus dramas. Para transformá-los em filmes.

Em Paris, Londres, Roma freqüentou redações de jornais, teatros, cafés, livrarias. Conheceu escritores, atrizes, jornalistas e, sobretudo, gente de teatro. E acabou responsável pela morte de Anouilh. Aproveitou-se da acusação para escrever o drama "Caro Jean", pasticho de "Caro Antônio", do francês. Nunca encenado. Segundo Jorge Menezes, por culpa de Anouilh.

Lampião à italiana

Ruggero Figini descobriu o Brasil em 1974. Desembarcou na Bahia e logo tratou de conhecer o Pelourinho. Porém queria muito mais que acarajé e candomblé. Cobiçava um papel no filme "Dona Flor e seus dois maridos". De preferência o de um deles. Procurou Bruno Barreto. Talvez estivesse no Rio de Janeiro. E Sônia Braga? Ninguém sabia dela.

Lembrou-se do tempo das filmagens de *I Girasoli*. Nunca esperara ser trocado por Mastroianni. Desesperou-se, arquitetou escândalos. Imaginou até uma agressão física a De Sica.

Desde menino Ruggero sonhava nos braços das mais belas mulheres da Itália. Um dia ainda contracenaria com Claudia Cardinale, Silvana Mangano, Monica Vitti, Virna Lisa. E ainda escolheria o diretor. Fellini com fulana, Visconti com sicrana, Antonioni com beltrana. E alcançaria o Oscar. Mais de um. Seria famoso no mundo inteiro.

No entanto, os anos se passavam, as atrizes envelheciam, e só lhe sobravam pequenas atuações em filmes medíocres.

E por que não se fazer cineasta? Tudo dependia de encontrar um belo roteiro. Logo alcançaria a fama de Rosselini, Pasolini, Bertolucci. Fossem para o inferno Arnaldo Jabor, Bruno Barreto, Cacá Diegues e todo o alfabeto do cinema brasileiro. Sim, iria dirigir um filme monumental: a vida do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Em italiano o título seria *Il Lampione*.

Restava encontrar o roteirista. E por que não o já velho amigo Airton Acaiaca? Até porque Airton e Virgulino haviam nascido no Ceará. "Não, Ruggero, Lampião não era cearense. Nem Airton. E onde nascera o roteirista? "Dizem que é mineiro, se não for baiano". O italiano concluiu: "Melhor assim. Filmaremos em Canudos". E pôs-se a falar de Antonio Conselheiro.

Para Ruggero, o Lampião do roteirista mais parecia um gângster, um Al Capone. E terminaram se desentendendo. O cineasta chamou Airton de incompetente. Não conhecia a História de seu próprio povo. O brasileiro também não se conteve: "Aventureiro, ator fracassado, impostor".

Dias depois dessa rusga, Ruggero Figini regressou a Roma. Não levava nada, a não ser o roteiro de Acaiaca.

Il Lampione alcançou enorme sucesso na Europa. Não teve, no entanto, a direção de Ruggero, que preferira vender o roteiro a um produtor cinematográfico.

Uma fortuna.

Pintando o sete na Bélgica

Há na "Casa de Benedito Moreira" uma escultura de Constantin Meunier. Consta, porém, ser do brasileiro a peça. Chama-se *Homem cansado*, e deve ser de 1891.

Na "Casa", dirigida por Heloísa Moreira, bisneta do escultor cearense, estão alguns utensílios domésticos e objetos de trabalho usados e utilizados por Benedito. Sem contar esculturas e quadros tidos como de sua autoria. Os mais valiosos seriam uma estátua de Napoleão, um retrato de Darwin, máscara de Brahms. Os quadros parecem imitações de obras famosas. O mais estranho é copiarem pintores de todas as épocas: Hugo van der Goes e Grant Wood, Adriaen van Ostade e Toulousse-Lautrec, Hans Holbein e Paul Cézanne, numa miscelânea dos diabos.

O escultor-pintor brasileiro viveu na Bélgica, entre os anos de 1887 e 1896. Teria sido "discípulo" de Meunier. E também amigo de James Ensor. Obras como "A entrada de Cristo em Bruxelas" e "Máscaras singulares" teriam nascido diretamente da orientação de Benedito. Soltasse mais a fantasia. Introduzisse nas cenas do cotidiano figuras de sonho, como máscaras e esqueletos.

Meunier teria lamentado o destino de seu colega. Aquilo levaria Ensor ao fracasso. Ninguém compraria seus quadros. E Moreira teria respondido: melhor para você, meu caro discípulo.

Para Caio Barroso, no entanto, tudo isso é mentira. Há uma só verdade: Benedito furtou esboços de James Ensor e de Constantin Meunier.

Heloísa não chegou a conhecer o bisavô famoso. Desde cedo, porém, dedicou-se a seguir os passos de Benedito — quer pintando e esculpindo, quer preservando-lhe a memória. Escreveu até um livro: "A Influência de Benedito Moreira na Obra de Constantin Meunier". Um equívoco clamoroso, segundo Caio

Barroso. Ora, se influência tivesse havido, o influenciado teria sido Benedito. Como não pintou nem esculpiu nada durante sua longa vida, a influência não existiu. E, por não constar ter Meunier sido gatuno, a verdadeira arte de Moreira nada deve ao belga. E Caio assim define seu compatrício: "astuto ladrão de esboços, quadros e esculturas. Mais um trapaceiro no mundo das artes".

Rato sonâmbulo

O compositor Francisco Vitória viveu entre 1731 e 1800. Deixou pouquíssimas composições. Algumas sonatas, meia dúzia de árias, cantatas, concertos, fugas, fantasias, serenatas e uma sinfonia inacabada. A mais conhecida é a *Sonata Sonâmbula para Violino*.

Vitória quase nada viveu no Brasil. Toda sua formação musical se deu em capitais européias. Em Paris conheceu grandes nomes da música, como Jean-François D'Andrieu. Sonhava tornar-se organista. Ser um novo Bach. O sucessor de Jean na capela real. Tais fantasias, no entanto, jamais poderiam se realizar. Faltava-lhe talento, embora tenha imitado compositores do tamanho de Haendel e Haydn. Além do mais, o ser brasileiro significava impedimento ao cargo. Por último, tocava órgão como o pior dos organistas.

Pesa sobre ele grave acusação: quase toda sua obra seria resultado de plágio. Há quem diga mais: teria ele se apropriado de originais de compositores como Bach e Buxtehude. Suas fantasias e fugas, segundo estudiosos, têm a marca de Bach. Sua *Sonata Sonâmbula* seria obra de Jean-François D'Andrieu.

O furto poderá ter ocorrido às vésperas da morte do organista francês. Vitória parecia a sombra de Jean. E chegou ao cúmulo de se candidatar a depositário dos despojos do compositor. Muito antes da morte deste. D'Andrieu repeliu prontamente a proposta. Mesmo assim, o brasileiro não se afastou dele. Seguiu-lhe os passos até a morte.

Segundo os acusadores, a sonata de D'Andrieu nunca havia sido divulgada. Talvez não tivesse passado de rascunho.

Assim, Francisco Vitória seria apenas um rato de orquestra. Um compositor sonâmbulo. Ou coisa pior.

VERS SANS RIMES

Gaspar Barbacena conheceu Laurent Tailhade numa noite de 1894. Dias depois, um atentado anarquista quase matou o poeta francês. No ano anterior, Laurent havia defendido Vaillant da acusação de ter lançado uma bomba contra a Câmara.

O brasileiro visitava a França pela segunda vez. Queria conhecer mais novidades da literatura européia e levá-las ao Brasil. Na bagagem conduzia exemplares da Machado, Cruz e Sousa e outros, além de seus próprios escritos. Versos em português e francês. Poesia de inspiração revolucionária. Odes à Comuna e aos revolucionários de 1871. Inclusive a Édouard Vaillant. E sátiras aos burgueses, aos inimigos do socialismo. Teria sido um Castro Alves mais próximo dos ideais socialistas. Um pré-modernista, predecessor de Oswald de Andrade.

Numa carta a seu irmão Edmundo, diz Gaspar ter Tailhade elogiado os seus versos. E anuncia sua viagem de regresso. Logo, porém, se daria a grande tragédia. A viagem não se completou: Barbacena desapareceu no mar. Talvez por vontade própria, segundo as investigações policiais. Apesar de nunca ter manifestado índole suicida.

Em 1987 apareceu em Paris um livro intitulado *Vers Sans Rimes*, como de autoria de certo Jacques Vaillant. Talvez neto daquele anarquista do tempo de Laurent.

Informa Jair Barbacena tratar-se de um conjunto de poemas de seu esquecido ascendente.

Gaspar viveu menos de trinta anos e nunca publicou um só verso. Porém chegou a divulgar no Brasil obras de autores franceses, sobretudo Laurent Tailhade.

Em poder de Jair Barbacena há um calhamaço manuscrito. São os versos originais de Gaspar, em português e francês. Os mes-

mos publicados sob o título *Vers Sans Rimes*. Há também uma carta datada de 13 de dezembro de 1893 e dirigida a Gaspar. O autor é Laurent. Quase ilegível, fala de agitações políticas em Paris e tece loas a um anarquista chamado Vaillant.

Concórdia na órbita da terra

Salomão Morais foi o primeiro brasileiro a traduzir o *De Orbis Terrae Concordia*, de Guillaume Postel. Aliás, contam-se às dezenas suas traduções de obras antigas. Entre outras, citam-se *O Mistério de Eva*, *Canção dos Nibelungos* e *A Morte do Rei Artur*.

Latinistas de renome, como Girolano Bramante, apontaram inúmeros senões nessas traduções. Há trechos ininteligíveis.

Autor de alguns bons livros — sobretudo o *Cantares* — Salomão é um dos mais conceituados estudiosos da vida e da obra do escritor francês. Já é clássico seu ensaio *Postel: Cristão ou Muçulmano?* No entanto, seu mais polêmico livro é *Postel na Meca*, onde relata e analisa a passagem do professor pela cidade sagrada do Islã.

Um dos trechos mais intrigantes do ensaio é este: "O jesuíta beijou a pedra negra. Em seguida desnudou-se e, como em delírio ou êxtase, tentou abra á-la. Seu corpo tremia. Em seus olhos havia certa cupidez asinina".

Deboche ao islamismo — sentenciaram alguns.

O estudioso brasileiro, dono de uma das mais ricas bibliotecas particulares do mundo, é também acusado de falsificar a História e de furtar livros raros de bibliotecas públicas. Seu exemplar do *De Orbis* teria pertencido à Biblioteca do Vaticano. Salomão alega ter adquirido o livro numa loja de antigüidades, em Paris. Se alguém o furtou, este alguém seria membro da Igreja Católica.

Além disso, o acervo iconográfico de Salomão contém gravuras tidas como falsificações. Numa delas, Guillaume Postel aparece montado num camelo e lendo o Alcorão. Segundo Salomão, a pintura é obra de Frans Post.

Entidades holandesas e francesas ameaçaram processar o literato brasileiro. O autor de *Paisagem Rural* não pintaria tela tão ordinária. As pinturas atribuídas a Post seriam obra de Hubert Heinsius, um impostor. Tendo vivido entre 1655 e 1723, apresentava-se como herdeiro do pintor holandês. Pintava quadros de notória pobreza conceptual e os vendia como se pintados por Frans Post.

Falsificadores e canibais

Florídio Mandrano deixou apenas um caderno manuscrito. A caligrafia é um primor. Nenhuma rasura. O texto, no entanto, é pura desordem. Como se sua mente estivesse em ebulição. Nas primeiras linhas tentou justificar o não ter escrito nada até então. Fala de medo da mediocridade e da imitação. E cita trecho do livro *A Arte da Falsificação*, do sueco Vilgot Sucksdorff: "Quem falsificou a Bíblia? Segundo Domitius Tacitus, o primeiro falsificador do *Gênesis* teria sido o apóstolo Paulo".

Tacitus escreveu uns comentários ao *Gênesis*, em latim. O livro permaneceu ignorado durante séculos. Sua primeira tradução se deu em 1785, por Nikolai Tcherenkov. No prefácio, o tradutor russo afirma ter tomado conhecimento da existência dos "comentários", ao ler uma carta de Karl Thorvaldsen a Hans Staden. Nela, o pesquisador dinamarquês anuncia a publicação de seu *Os Canibais da Ilha de Java*.

Um dos capítulos mais intrigantes do livro de Thorvaldsen, intitulado "Como devoravam crianças", traz a seguinte descrição: "O matador aproximava-se da vítima e desferia-lhe um golpe na nuca. Logo lançavam o corpo à fogueira. Ainda mal assado, retiravam-no e punham-se a esfolá-lo".

Acusaram Thorvaldsen de falsificar Staden. Todas as informações constantes de seu livro teriam sido colhidas em Staden. Ou seja, transportou os canibais do Brasil para Java. Criativo, narra minuciosamente diversas cenas de canibalismo.

Ao final do caderno, Florídio cita o livro *Fundamentos do Canibalismo*, de Sándor Thököly. Nenhuma referência ao livro de Thorvaldsen. Há, porém, diversas citações de Staden.

Uma das idéias centrais do escritor húngaro associa o ato canibal ao ato sexual. Neste, o sujeito passivo da relação estaria sendo devorado pelo outro. Sobretudo nas relações não atinentes à procri-

ação, como o coito anal e a felação. E cita o exemplo clássico da aranha fêmea, que devora o macho após o acasalamento.

É também de Thököly o polêmico ensaio *Violência e Morte*. Analisa o comportamento violento de animais e do homem. "A inteligência superior — diz — não impediu que o homem continuasse violento. Nesse aspecto, o homem moderno em nada difere do primitivo".

Sándor Thököly foi vítima da violência humana. Assassinaram-no a facadas numa rua de Budapeste. A polícia nunca descobriu o homicida. Ou os homicidas. Já Florídio Mandrano foi devorado por um leão de zoológico.

UMA PÁGINA DE ROBBE-GRILLET

Quando Jean Denis Lanson esteve no Brasil, o repórter Guido Mocho foi incumbido de entrevistá-lo para o "Diário da Tarde".

Segundo o editor, só Guido poderia realizar uma boa entrevista. "Você sabe francês, e basta".

O repórter quis se esquivar. Ora, não entendia nada de literatura. Quando estudante, havia lido meia dúzia de romances, sem qualquer prazer. Alencar, um chato. Machado, enfadonho. E sempre confundiu Manoel Antonio de Almeida com Joaquim Manuel de Macedo. *A Moreninha* e *As Memórias de um Sargento de Milícias* lhe pareciam do mesmo autor. "E quem lhe disse que o *homem* é literato?"

Lanson acabara de publicar o livro *Il est tard*. Um jornal falava em romance. Aliás, no *nouveau roman*.

O editor do "Diário" explicou: não se tratava de literatura, mas de obra sobre ecologia.

Um colega de Guido riu de todos: andavam fazendo uma grande confusão. Estivera na França e ouvira falar do grande físico Jean Denis Lanson. *Il est tard* tratava da questão nuclear.

Guido dirigiu-se à Embaixada da França. Precisava esclarecer aquilo. Como fazer a entrevista, se só sabia o nome do personagem da entrevista? Receberam-no com excessiva cordialidade. Contudo nem o Embaixador sabia mais do que a imprensa brasileira sobre o tal Lanson. *"Que s'est-il passé?"* Talvez o visitante fosse Gustave Lanson, o grande crítico literário. Não, não. Este havia morrido em 1934.

Com horas de atraso, Guido chegou ao hotel onde se hospedava o francês. O livro? Não, não sabia de que livro falava o repórter. *"Je ne sais rien, mais je voudrais savoir quelque chose"*.

Passada a primeira hora, ainda não haviam chegado a qualquer acordo. Lanson só lia literatura de entretenimento. Nunca conseguira ler mais de uma página de Robbe-Grillet. E de Natalie Sarraute? Desconhecia. E Claude Simon? O deputado acusado de...? Guido

mudou de assunto. E a Amazônia? Se pudesse, passaria alguns dias lá, nas praias, olhando as garotas e seus magníficos biquínis. E ria, esfregava as mãos. *"Dieu me pardonne! Ah! que je suis content!"*

O repórter passou à guerra nuclear. O que seria da humanidade, após a catástrofe? Lanson sorveu sua bebida e quase nada falou. "*De quoi parles-tu?*" Guido olhou para o teto, como para o céu, e imitou bombas explodindo: bum-bum-bum. Sim, sim, viagens pelos espaços siderais. Adorava *Uma Odisséia no Espaço*. Que filme! Logo, porém, desceram às nuvens, que também não podiam ver. Depois, à fumaça de seus cigarros. E flutuaram, quase mudos. Por fim, baixaram a si mesmos e, atônitos, abraçaram-se. *"Au revoir!"*

Cabisbaixo, Guido tomou o rumo do jornal.

A entrevista deu muito o que falar. O "Diário da Tarde" vendeu mais de um milhão de exemplares. Guido Bezerra Mocho ganhou abraços, aplausos, prêmios. Fez-se glorioso, de repente.

Dados biográficos de Nilto Maciel

Nasceu em Baturité, Ceará, em 30 de janeiro de 1945. Filho de Luiz Maciel Filho e Francisca Alves Maciel. Primeiros estudos no Grupo Escolar Monsenhor Manuel Cândido. Em 58 mudou-se para Fortaleza, voltando no ano seguinte à cidade natal. Retornou à capital em 61. Embora apaixonado por futebol (sonhava ser jogador famoso), depois das brincadeiras na rua, metia a cara nos livros, inclusive em obras como *Os Sertões*. Em Fortaleza, saía à cata de livros baratos, expostos nas ruas, à noite. Comprava tudo o que lhe parecesse bom, embora quase não conhecesse a História da Literatura. Nesse tempo conheceu escritores como Alekssandr Kuprin (*A fossa*), Henryk Sienkiewicz (*Quo vadis?*), Émile Zola (*A besta humana*), Peregrino Júnior (*Pussanga*), Camilo, Graham Greene, Menotti del Picchia, Júlio Verne, Alencar, Taunay, Herculano, Machado, Castro Alves, Lima Barreto, Balzac, George Sand, Laclos, Sade, Aluísio Azevedo, Pascal, Descartes, Comte, Kant, Locke, Rousseau, Voltaire, José Ingenieros, Hegel, Marx, Verlaine, Musset, Loti, Dumas, antologias de contos norte-americanos, italianos, russos, franceses, alemães, fantásticos etc. Seguiram-se Sartre, Hesse, Hemingway, Hawthorne, Steinbeck, Wilde, Pitigrilli, Gide, Jack London e outros e outros. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará em 70. Seu primeiro livro, *Itinerário*, saiu em 73. Criou, em 76, com outros escritores, a revista *O Saco*. Mudou-se para Brasília em 77, tendo trabalhado na Câmara dos Deputados e no Supremo Tribunal Federal. Ingressou no Tribunal de Justiça do DF em 78. Edita a revista *Literatura* desde 91. Ganhou alguns prêmios literários: "Brasília de Literatura", 90, categoria romance nacional, promovido pelo Governo do Distrito Federal, com *A Última Noite de Helena*; "Graciliano Ramos",92/ 93, categoria romance nacional, promovido pelo Governo do Estado de Alagoas, com *Os Luzeiros do Mundo*; "Cruz e Sousa", 96, categoria romance nacional, promovido pelo Governo do Estado de Santa Catarina, com *A Rosa Gótica*; "Bolsa

Brasília de Produção Literária", 98, categoria conto, com *Pescoço de Girafa na Poeira*. Tem contos e poemas publicados em esperanto, espanhol, italiano e francês.

Obras publicadas:

Itinerário, contos, 1.ª ed. 1974, 2.ª ed. 1990, João Scortecci Editora, São Paulo, SP;

Tempos de Mula Preta, contos, 1981, Secretaria da Cultura do Ceará;

A Guerra da Donzela, novela, 1.ª ed. 1982, 2.ª ed. 1984, 3.ª ed. 1985, Editora Mercado Aberto, Porto Alegre, RS;

Punhalzinho Cravado de Ódio, contos, 1986, Secretaria da Cultura do Ceará;

Estaca Zero, romance, 1987, Edicon, São Paulo, SP;

Os Guerreiros de Monte-Mor, romance, 1988, Editora Contexto, São Paulo, SP;

O *Cabra que Virou Bode*, romance, 1.ª ed. 1991, 2.ª ed. 1992, 3.ª ed. 1995, 4.ª ed. 1996, Editora Atual, São Paulo, SP;

As Insolentes Patas do Cão, contos, 1991, João Scortecci Editora, São Paulo, SP;

Os Varões de Palma, romance, 1994, Editora Códice, Brasília;

Navegador, poemas, 1996, Editora Códice, Brasília;

Babel, contos, 1997, Editora Códice, Brasília;

A Rosa Gótica, romance, 1997, Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis, SC (Prêmio Cruz e Sousa, 1996); e

Vasto Abismo, novelas, 1998, Ed. Códice, Brasília.

BIBLIOGRAFIA

Estudos e referências em livros:

AZEVEDO, Sânzio de. "Os Contos de Nilto Maciel", in **Novos Ensaios de Literatura Cearense**, Casa de José de Alencar, Universidade Federal do Ceará, 1992.

_____ **Literatura Cearense**, Academia Cearense de Letras, Fortaleza, CE, 1976.

GAGIANO, Ronaldo. "A Escritura da Magia", in **Prismas, Literatura e Outros Temas**, Thesaurus Editora e Fundação Ormeo Junqueira Botelho, Brasília e Cataguases, 1998.

CARVALHO, Francisco. "As Insolentes Patas do Cão", in **Textos & Contextos**, Casa de José de Alencar, UFC, Fortaleza, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira**, 4.ª edição, ver. E ampla., EDUSP, Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

COUTINHO, Afrânio (e outros). **Enciclopédia de Literatura Brasileira**, Fundação de Assistência ao Estudante, Rio de Janeiro, 1990.

_____ **A Literatura no Brasil**, 3.ª edição, revista e atualizada, José Olympio Editora e Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1986.

FISCHER, Luis Augusto. "A Guerra da Donzela", in **Guia do Professor**, Série Novelas, Ed. Mercado Aberto, Porto Alegre, RS, s/d.

GOMES, Danilo. "Nilto Maciel, voz cearense do conto novo", in **Escritores Brasileiros ao Vivo**, vol. 2, Ed. Comunicação-INL-MEC, 1980.

GIRÃO, Raimundo (e Maria da Conceição Sousa). **Dicionário da Literatura Cearense**, Imprensa Oficial do Ceará, 1987.

MACEDO, Dimas. "Uma novela de Nilto Maciel", in **Leitura e Conjuntura**, Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, Fortaleza, 1984, 1.ª ed., e UFC/Casa de José de Alencar, Fortaleza, 1995, 2.ª ed. ver. amp.

_____ "Estaca Zero", in **Ossos do Ofício**, Editora Oficina, Fortaleza, 1992.

_____ "Contos Picarescos e Alegóricos", in **Punhalzinho Cravado de Ódio**, Secretaria de Cultura e Desporto, Fortaleza, CE, 1986.

MONTEIRO, José Lemos. "Prefácio", in **A Guerra da Donzela**, Ed. Mercado Aberto, Porto Alegre, RS, 1982.

NASCIMENTO, F.S. "A ficção de Nilto Maciel", in **Apologia de Augusto dos Anjos e outros estudos**, Universidade Federal do Ceará, 1990.

PEREIRA, Wilson. **A Literatura Brasiliense,** Editora Universa, Brasília, 1999.

PINTO, José Alcides. "Tempos de Mula Preta", in **Política da Arte**, Fortaleza, 1981.

TAVEIRA, João Carlos. "A Arquitetura Verbal de Nilto Maciel", in **Vasto Abismo**, Ed. Códice, Brasília, 1998.

VALADARES, Napoleão. **Dicionário de Escritores de Brasília**, André Quicé-Editor, Brasília, 1994.

Em periódicos:

ALBUQUERQUE, Aníbal. "Carta aberta a Gumercindo Carneiro". Jornal do Sul de Minas, Varginha, MG, 6.12.95

ANTUNES, Nara. "Mitos nordestinos além-fronteiras". Jornal de Brasília, 30.11.82.

ATHANÁZIO, Enéas. "A surpresa do professor". Diário Catarinense, Florianópolis, SC, 6.5.91.

AZEVEDO, Sânzio de. "Nilto Maciel, o contista". Diário do Nordeste, Fortaleza, CE, 22.3.87.

BATISTA, Paulo Nunes. "Nilto Maciel "Na Ave da Dor". Revista Literatura n.º 10, Brasília, junho/96.
BRAZ, Valdivino. "Sabor de fatos reais". O Estado de Goiás, Goiânia, GO, 27.2.82.
CABRAL, Astrid. "Babel Contemporânea". Revista Literatura n.º 14, Brasília, junho/98.
CAGIANO, Ronaldo. "A escritura da magia". Diário do Nordeste, Fortaleza, CE, 19.10.97.
_____ "Inventário do fantástico". Gazeta de Maracanaú, Ceará, 4.11.97.
_____ "A boa literatura nacional". O Dia, Teresina, Piauí, 26.11.97
CAMPOS, Sergio. "Nilto Maciel, o discurso de um louco". Suplemento Literário Minas Gerais, 21.11.87.
CARNEIRO, Caio Porfírio. "A unidade de Babel". Linguagem Viva, São Paulo, SP, dez/97.
CARRARA, Di. "Cabra marcado para escrever". Cataguases, MG, 19.3.95.
CARVALHO, Francisco. "As insolentes patas do cão". Revista Literatura n.º 3, Brasília, dez/92.
_____ "Vasto Abismo". Revista Literatura n.º 16, Brasília, junho/99.
CARVALHO, Roberto. "Estaca Zero, uma viagem à metaprosa". O Dia, Teresina, PI, 5.9.91.
CATUNDA, Márcio. "Um romance satírico de Nilto Maciel". Revista Literatura n.º 11, Brasília, dez/96.
CHAMMA, Foed Castro. "Uma leitura das Insolentes Patas do Cão". Revista Literatura n.º 6, Brasília, junho/94.
_____ "Os Varões de Palma". Revista Literatura n.º 9, Brasília, dez/95.
COSTA, Silvério da. "Os Varões de Palma". Diário da Manhã, Chapecó, PR, 9.8.94.

_____ "Contos fantásticos". Diário da Manhã, Chapecó, PR, 3.3.94.

_____ "Navegador". Diário da Manhã, Chapecó, PR, 11.12.96.

FERREIRA, Hygia Calmon. "De fantasmas e de favelas: relatos". Tribuna da Fronteira, Mafra, SC, 24.12.87.

LIMA, Batista de. "A Guerra de Palma". Diário do Nordeste, Fortaleza, CE, 23.1.83.

_____ "A estética de um ritual". Diário do Nordeste, Fortaleza, CE, 30.8.87.

LUZ, Eduardo. "Estaca Zero: a literatura renova a pergunta". Revista Literatura n.º 5, Brasília, dez/93.

MACEDO, Dimas. "Estaca Zero". JD, Fortaleza, CE, 5.2.8

MEDAUAR, Jorge. (Sem título). Gazeta de Moema, SP, 15.8.87.

MOURA, Francisco Miguel de. "Um Borges no Brasil". O Dia, Teresina, PI, 11.1.92.

NASCIMENTO, F. S. "A arte narrativa (ousada e atual) de Nilto Maciel". Suplemento Literário Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 25.4.87.

_____ "O jogo verbal de Nilto Maciel". Diário do Nordeste, Fortaleza, CE, 4.10.87.

_____ "Os guerreiros utópicos de Nilto Maciel". Revista Literatura n.º 1, Brasília, jan/92.

PINTO, José Alcides. "Nilto Maciel na praça". Notícias Culturais, Fortaleza, CE, fev/92.

_____ "Estaca Zero". Notícias Culturais, Fortaleza, CE, fev/95.

PY, Fernando. "Navegador". Diário de Petrópolis, RJ, 6.10.96.

RAMIRES, A Isaías. "Um respeitável poeta". A Gazeta, Vitória, ES, 15.7.96.

SACHET, Celestino. "Ficção e facção no romance de Nilto Maciel". Revista Literatura n.º 8, Brasília, junho/95.

SOUSA, Salomão. "A clarividência histórica em Nilto Maciel". Correio Braziliense, Brasília, 4.11.81.

_____ "A caça dos monstros pelos monstros". Suplemento Cultural O Popular, Goiânia, GO, 11.12.82.

SPÍNDOLA, Adriano. "A nova ficção cearense". Suplemento Cultural O Popular, Goiânia, GO, 16.10.82.

TAVEIRA, João Carlos. "A Arquitetura Verbal de Nilto Maciel". Revista Literatura n.º 15, Brasília, dezembro/1998.

TEIXEIRA, Ubiratan. "Antropofagia". O Estado do Maranhão, São Luís, MA, 24.4.92.

VIANA, Carlos Augusto. "Nilto Maciel reconstrói o mundo a partir da linguagem". Diário do Nordeste, Fortaleza, CE, 1.3.95.

"Em *A Guerra da Donzela* Nilto Maciel nos comunica um texto pleno de realizações e de metáforas, de símbolos visuais e de significados. Uma literatura densa de expressividade e de qualidades formais. Uma produção que dimensiona o universal pelo regional, que revitaliza os elementos estruturais da ficção e que pereniza os valores cômicos e caricaturescos da criação literária." (...) "Em *A Guerra da Donzela* Nilto Maciel demonstra conhecer todos os segredos e implicações da técnica de narrar. A sua novela é toda ela repassada por um sopro mágico e inovador." (...) "Nilto Maciel é um escritor plenamente consciente da linguagem que utiliza, das palavras e expressões que emprega no seu discurso." (...) "Em *A Guerra da Donzela* Nilto Maciel se revela realmente um novelista admirável e individualíssimo. Nas sondagens que realiza pelos difíceis caminhos da ficção demonstra ser portador de uma capacidade extraordinária de penetração. A prosa de ficção de Nilto Maciel nada deixa a desejar ao que de melhor no gênero se produz atualmente no Brasil."

Dimas Macedo, in "Uma Novela de Nilto Maciel", *Leitura* e *Conjuntura*, 2.ª edição, UFC, Fortaleza, 1995.

BOLSA BRASÍLIA
DE PRODUÇÃO
LITERÁRIA
1998

O Prêmio

A Bolsa Brasília de Produção Literária foi criada pela Lei nº 1.391, de 4 de março de 1997, com a finalidade de estimular a produção literária no Distrito Federal, publicando obras nos gêneros poesia, crônica, conto, romance, novela e nas modalidades infantil, infanto-juvenil e adulta, bem como ensaio.

São selecionadas, anualmente, obras literárias para serem publicadas pelo poder executivo, dando-se preferência à diversidade das formas literárias de modo a contemplar todos os gêneros. Esta é a edição do conjunto de obras premiadas no ano de 1998, contando com os seguintes títulos: *Dois Oceanos*, de José Carlos Pereira Peliano, *Pescoço de Girafa na Poeira*, de Nilto Maciel, *Dýnamis Érrion*, de Rafael Fernandes de Souza e *Língua Hílare Língua*, de José Afonso de Sousa Camboim.

O Governo do Distrito Federal, no cumprimento da Lei, objetiva oferecer aos escritores a oportunidade de divulgar os seus trabalhos literários, buscando enriquecer a leitura do público interessado.

Secretaria
de Cultura

GDF GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
A GENTE FALA, A GENTE FAZ